

GABRIELA CAROLINE BORGES SOARES

**PROJETO “EDUCAÇÃO DIFERENTE” – A DINÂMICA DA PRÁTICA DE ENSINO
DIFERENCIADA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA ESTADUAL PEDRO II EM
BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2019

GABRIELA CAROLINE BORGES SOARES

**PROJETO “EDUCAÇÃO DIFERENTE” – A DINÂMICA DA PRÁTICA DE ENSINO
DIFERENCIADA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA ESTADUAL PEDRO II EM
BELO HORIZONTE**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Júnior

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2019

RESUMO

A ausência de quadras poliesportivas na Escola Estadual Pedro II fez com que a prática da disciplina de Educação Física fosse drasticamente repensada. Dessa forma, a presente pesquisa teve como objetivo compreender os sentidos atribuídos às aulas de Educação Física por parte dos alunos, alunas e professora, como também investigar sobre as significações e ressignificações do espaço e como esse processo reflete nas vivências dos sujeitos desta escola. Para isso, foram convidados(as) para uma entrevista a professora da disciplina de Educação Física, seis alunos(as) do terceiro ano, cinco alunos(as) do segundo ano e quatro alunos(as) do primeiro ano, todos(as) do ensino médio. Além das entrevistas, que foram realizadas no segundo semestre de 2018, me utilizei da observação (das aulas da professora) como técnica de coleta de dados. Não foi possível realizar análise documental. Esta pesquisa se trata de um estudo de caso que tem como suporte básico as concepções qualitativas. Para análise dos dados, minha experiência pessoal como estagiária na escola, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, também foi utilizada como ponto de reflexão, por estar intimamente ligada, na época, ao cotidiano das aulas. No transcorrer dos relatos, pude perceber semelhanças nas narrativas dos alunos(as) no que diz respeito ao aprendizado incorporado por cada sujeito através das aulas, tanto sobre o aprendizado dos conteúdos quanto a transposição desse conhecimento para a vida fora da escola. De forma majoritária, os sentidos atribuídos à construção de Educação Física nesta escola vão ao encontro da discussão de uma Educação Física crítica, que busca formar sujeitos autônomos de sua intervenção social. Os espaços da escola refletem diretamente na experiência educacional dos discentes e, de forma geral, esta experiência se dá de forma positiva.

Palavras-chave: Educação Física; Escola; Ensino Médio; Significações; Sentidos; Aprendizados; Experiência.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
1.1 Objetivos	5
2 JUSTIFICATIVA	6
3 REFERENCIAL TEÓRICO	7
3.1 Noções de currículo	7
3.2 A Educação Física como componente curricular	9
3.3 A Escola Estadual Pedro II.....	14
3.3.1 História.....	14
3.4 O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID	14
3.5 A Educação Física no Ensino Médio – Implicações e problemáticas recentes	15
4 METODOLOGIA	17
4.1 Caracterização do estudo	17
4.2 Procedimentos	19
4.3 Materiais e Métodos.....	20
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICE 1 – CARTA DE APRESENTAÇÃO À ESCOLA	31
APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ESTUDANTES)	32
APÊNDICE 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PROFESSORA)	34
APÊNDICE 4 – EIXOS TEMÁTICOS DA ENTREVISTA APLICADA	36
APÊNDICE 5 – ENTREVISTAS	37

1 INTRODUÇÃO

Há aproximadamente dois anos, a rotina do meu trajeto semanal para minhas aulas matinais na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) incluíam a Escola Estadual Pedro II: de dentro do ônibus, lembro-me que havia dias que eu me intrigava com a estrutura arquitetônica da escola quando passava por ela. Eu observava o pátio externo, os muros baixos que delimitavam o espaço e pensava: “Como deve ser o interior dessa escola? Será que é uma escola de qualidade? Será que a Educação Física faz parte da grade curricular dessa escola?”¹ Apesar de me indagar superficialmente sobre, nunca parei para, realmente, pesquisar/conhecer sobre essa escola.

Na segunda metade do meu percurso de graduação, me conectei ao Centro de Estudos, Pesquisas e Extensão em Educação Física Escolar da UFMG (ProEFE) e, através dele, comecei a trabalhar no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Para a minha surpresa, meu trabalho no programa se deu, fundamentalmente, na escola Pedro II. Lá, conheci intimamente a escola e os sujeitos que a constroem, a proposta curricular interdisciplinar e, ainda, descobri que não só a Educação Física fazia parte do currículo, como também conheci de perto como foi e era construída todos os dias a Educação Física naquela escola. Assim, sendo acompanhada diretamente pela professora supervisora no programa nesse colégio e que encabeçou o projeto para que a Educação Física acontecesse, a concepção de escola e de Educação Física que eu tinha sobre o Pedro II foi transformada. Aprendi que não só essa escola se apresenta como uma referência de ensino no que se refere às escolas públicas estaduais, como também aprendi que a ausência das quadras convencionais fez com que a prática da disciplina fosse repensada: foi proposta uma Educação Física que tivesse enfoque majoritariamente nos macroconteúdos que não são o enfoque convencional de uma escola comum; ou seja, o enfoque está majoritariamente no ensino, tanto teórico quanto prático, dos conteúdos de ginásticas, danças, lutas e jogos e brincadeiras. Portanto, a prática da Educação Física na Escola Estadual Pedro II leva totalmente em conta o aspecto relacional do espaço (“o espaço fala”) e a realidade arquitetônica das delimitações.

¹ Essas indagações, em específico, se deram devido às impressões superficiais que eu tive ao ver a escola externamente: os espaços da quadra externa me pareciam limitados, o que, conseqüentemente, me vinha à cabeça a ideia de uma educação limitada.

Já no final do meu percurso na graduação, minha experiência de trabalho no Pedro II através do PIBID despertou-me o desejo de maior aprendizado com esse projeto diferenciado de ensino de Educação Física, aprendizado esse que irei levar enquanto professora para minha área de especialização; e, ainda, dar maior visibilidade a esse projeto e aprofundar minhas reflexões sobre a prática da Educação Física no colégio Pedro II: Como é o dia a dia da prática da Educação Física nessa escola? Como ela é pensada no currículo disciplinar e interdisciplinar? Como, de fato, a metodologia de ensino diferenciada contribui para a formação dos sujeitos integrantes? Como esses sujeitos enxergam a Educação Física nessa escola? Como as professoras, alunos e alunas significam e/ou ressignificam os espaços para a construção do processo de ensino-aprendizagem?

Com esse trabalho espero, para além do aprofundamento e enriquecimento das reflexões e do conhecimento, contribuir para que menos pessoas tenham indagações superficiais sobre esse colégio, assim como eu o fazia há dois anos, através da janela de um transporte coletivo.

1.1 Objetivos

- Compreender os sentidos atribuídos às aulas de Educação Física por parte dos alunos, alunas e professora.
- Investigar sobre as significações e ressignificações do espaço e como esse processo reflete nas vivências dos sujeitos.

2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho se justifica pela contribuição à formação docente (inclusive a formação continuada) que a pesquisa aprofundada deste estudo poderá propiciar aos diversos docentes interessados nesta leitura. Atualmente, a área da Educação Física escolar, apesar de curricularmente estar legitimada enquanto área de conhecimento, passa por crises de identidade e legitimidade dentro da instituição escolar no que se refere à área pertencente e à metodologia de ensino a ser utilizada para a formação dos sujeitos escolares. Nesse sentido, ao gerar visibilidade a esse projeto de ensino diferenciado da disciplina de Educação Física, projeto este que teve como uma de suas bases os documentos curriculares legais nacionais e estaduais, contribui-se para a legitimidade da concepção de Educação Física construída e reconstruída historicamente e que atualmente é estabelecida por lei. O projeto “Educação Diferente” da Escola Estadual Pedro II seguiu parâmetros de ensino levando em consideração que a Educação Física escolar é atualmente compreendida como área de conhecimento, e contribui sumariamente para a formação crítica e autônoma dos educandos.

Ainda, outro possível desdobramento deste estudo seria o de contribuir com a ideia de adaptação de espaços, infraestrutura e materiais para o ensino dos diversos conteúdos relacionados à disciplina de Educação Física. Cotidianamente, ainda é forte o discurso de docentes da Educação Básica, recém-formados ou não, de que não abordam determinado(s) conteúdo(s) nas escolas onde trabalham por alegarem que as estruturas e materiais são inadequados para o ensino desse(s) conteúdo(s). Os conteúdos negligenciados costumam ser os macroconteúdos que não os esportes coletivos, estes mais comumente vistos como o principal conteúdo a ser ensinado nas escolas. Essa problemática já foi alvo de estudos de acadêmicos da área, por afetar negativamente o ensino de Educação Física nas escolas. Rufino e Darido (2015) realizaram uma pesquisa com especialistas em lutas, em que tratavam sobre as principais dificuldades sobre o ensino deste conteúdo na educação básica, nas quais os fatores restritivos para a prática de ensino eram, dentre outros, a insegurança do professor na escola, a alegada falta de domínio para ensinar o conteúdo, a infraestrutura e a falta de materiais para o ensino das lutas. Essa mesma logística cotidianamente se aplica a outros macroconteúdos da disciplina de Educação Física.

A Escola Estadual Pedro II em Belo Horizonte não possui quadras convencionais para o ensino de esportes coletivos, sendo que o enfoque se dá majoritariamente no ensino, tanto teórico quanto prático, dos conteúdos de ginásticas, danças, lutas e jogos e brincadeiras. Portanto, poderá ser criada a possibilidade de que esses docentes se inspirem e busquem aprender sobre o ensino de conteúdos que alegam não ter domínio.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Noções de currículo

A concepção de currículo, que vem continuamente se modulando e aperfeiçoando-se na contemporaneidade, mantém sua essência em termos da objetividade de sua criação. Para Sacristán (2013), desde seu uso inicial, o conceito de currículo

representa a expressão e a proposta da organização dos segmentos e fragmentos dos conteúdos que o compõem; é uma espécie de ordenação ou partitura que articula os episódios isolados das ações, sem a qual esses ficariam desordenados, isolados entre si ou simplesmente justapostos, provocando uma aprendizagem fragmentada. (p. 17)

Atualmente, no âmbito acadêmico, o currículo vem sendo conceituado de diversas formas, entendido em diferentes aspectos, enquanto ponte entre a sociedade e a escola, o sujeito e a cultura, o ensino e a aprendizagem. O tratamento do currículo na contemporaneidade pressupõe, segundo Sacristán (2000), que se observe sua problemática a partir da reflexão sobre: que objetivo se pretende atingir, o que ensinar, por que ensinar, para quem são os objetivos, que processos incidem e modificam as decisões até que se chegue à prática, como se transmite a cultura escolar, como os conteúdos podem ser inter-relacionados, com que recursos metodológicos, como organizar os grupos de trabalho, o tempo e o espaço, a avaliação do processo e suas consequências (positivas e/ou negativas), e de que maneira é possível modificar a prática escolar relacionada aos temas. Isso porque, ainda segundo o entendimento deste autor, a forma de ensinar não é neutra quanto ao conteúdo do ensinado, pois o currículo “é uma seleção limitada de cultura, já que o tempo de escolarização e as capacidades dos alunos/as são limitados (SACRISTÁN, 2000, p. 124).” Então, o currículo pode ser entendido como um território em disputa sobre o que será trabalhado, dada a realidade em que será construído, dentro de uma perspectiva cultural específica e peculiar.

Ainda, segundo Frago (2001), “a ordenação do espaço, sua configuração como lugar, constitui um elemento significativo do currículo – independentemente de que aqueles que o habitam estejam, ou não, conscientes disso (p. 78).” Assim como o currículo, o espaço escolar também não é neutro, pois, conforme afirma o referido autor (2001), “o espaço não é neutro; sempre educa (p.75)”. Assim sendo, o espaço escolar também pode ser entendido como elemento fundamental para a construção curricular, visto que suas delimitações, desde sua arquitetura até a disposição de seus equipamentos, dizem de um lugar, uma vez que correspondem a “padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende” (ESCOLANO, 2001, p. 45).

Em sua trajetória de aperfeiçoamento, o currículo foi classificado em teorias curriculares, subclassificadas em tradicionais, críticas e pós-críticas. As teorias tradicionais, segundo Rocha, Tenório, Júnior e Neira (2015) são caracterizadas por “priorizar questões convencionais e técnicas na construção e organização curricular e apresentam uma cientificidade desinteressada das questões político-sociais. (p. 02)” Já as teorias críticas, ainda segundo estes autores, “superam a ideia de um currículo homogêneo, meramente prescritivo, e argumentam que o mesmo reflete intencionalidades de diferentes ordens, entre elas: política, social e econômica na constituição dos saberes (p. 02)”. Ainda segundo estes autores na definição das subclassificações das teorias curriculares, as teorias pós-críticas “também reconhecem a presença da cultura, raça, gênero e etnia como elementos a serem considerados na seleção dos saberes que devem compor os currículos, sendo, por vezes, mais influenciadores na configuração desses que fatores macrocondicionantes. (p. 02)”

Essa teorização curricular também se expressou no percurso da Educação Física escolar no Brasil, no que concerne as formas de selecionar, organizar e sistematizar os saberes específicos da área. Como ponderam, ainda, Neira e Júnior (2016):

Ainda que de forma contraditória, aparatos normativos, tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no 9394-96 e as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), terminaram permitindo/desencadeando espaços para elaborações e debates curriculares, indo além do que, prescritivamente, tem sido produzido por especialistas ou mesmo governos mais autocráticos na tradição brasileira, dando aos sujeitos e unidades escolares chances de construir propostas curriculares (LOPES, 2004 e SOUZA JÚNIOR, 2007 *apud* Neira e Júnior, 2016, p.190).

Assim, o debate sobre construção curricular se orienta, constantemente, pelo entendimento da cultura vigente e suas transformações, refletindo na produção de leis para a educação brasileira, em uma via de mão dupla. Isso foi aparente na (r)evolução das leis da educação e nas sucessivas tentativas de consolidação, como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394 de 1996, a qual reafirmou a necessidade de construção de uma política pública que pudesse definir o processo de elaboração dos currículos da Educação Básica, a qual ainda era inexistente, embora prevista na Constituição de 88; nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's, 1997) que descreveram direitos de aprendizagem para diferentes segmentos e modalidades do ensino; no Plano Nacional de Educação (PCN, 2014), o qual reafirmou a importância desses direitos e, a partir dele, foram elaboradas as diretrizes curriculares a nível estadual e municipal e, por fim, no caso do Estado de Minas Gerais, a elaboração do Currículo Básico Comum (CBC) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2015).

3.2 A Educação Física como componente curricular

A Educação Física, na concepção escolar, é campo de análise, reflexão e construção de conhecimentos relacionados ao corpo que se movimenta e como o mesmo se constitui na sociedade. Porém, não seria qualquer movimento, que também é campo de estudo de outras áreas de conhecimento presentes na escola: a Educação Física trata de um movimento construído, elaborado e reelaborado. Ao longo de sua história, dentro da escola, sofreu influências do período histórico que passava, influências estas retratadas em seus objetivos e ações pedagógicas. Para que a Educação Física se consolidasse como componente curricular², sofreu um longo processo de desconstrução até ser compreendida como área de conhecimento atualmente, processo este que continua sofrendo por conta de tensionamentos da área.

O que era entendido como sendo o conteúdo da disciplina Educação Física (ou seja, sua especificidade) era marcado pela ideia de atividade física; portanto, sua especificidade era inteiramente voltada para o corpo físico. O principal objetivo dessa especificidade da época era melhorar a aptidão física dos alunos, visando a

² É entendido como uma somatória de conhecimentos e competências, estruturada na forma de disciplinas escolares, em que se faça necessário a aplicação de conhecimentos (saber) e habilidades (saber fazer), a fim de se atingir determinados objetivos em relação aos sujeitos.

promoção da saúde, além de moldar o caráter dos alunos através de uma rígida disciplina corpórea. A atividade física mobilizada para atingir esses objetivos assumiu diferentes formas, como a ginástica, as lutas, os jogos e os esportes. Nesse viés, o entendimento da Educação Física estava baseado numa visão de corpo marcadamente médico-biológico, ou seja, o corpo era entendido no campo das Ciências da Natureza, articulada discursivamente como uma ideia genérica de educação integral do homem no sentido do desenvolvimento de todas as suas potencialidades (BRACHT; GONZÁLEZ, 2005 *apud* GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009). Assim, essa perspectiva de Educação Física, compreendida como atividade, buscava uma transmissão de valores específicos através da atividade física que impactasse somente o corpo.

Na década de 1970, a ideia de aptidão física como um dos objetivos da especificidade da Educação Física se tornou parte da política econômica da Ditadura Militar. A Educação Física escolar foi concebida e integrada ao sistema esportivo brasileiro, tendo como uma de suas mais importantes funções promover a iniciação esportiva, no sentido de identificar talentos que pudessem, potencialmente, participar das equipes representativas da Nação no cenário esportivo internacional. Nesse cenário, o esporte se tornou praticamente hegemônico como conteúdo das aulas de Educação Física, a tal ponto de, no senso comum, ser possível confundir Educação Física escolar com prática esportiva (principalmente no que diz respeito aos esportes coletivos). Esse processo de ascendência do esporte ficou conhecido como a *esportivização* da Educação Física. Até a década de 1990, essa cultura esportiva na Educação Física escolar foi fortemente enraizada, respaldada no prestígio e importância social, política e econômica do esporte, como parte das políticas públicas para o setor da Educação Física e do Esporte.

Nos anos 1980, a comunidade da Educação Física brasileira iniciou um profundo processo de reflexão e questionamento sobre a atuação da Educação Física escolar, no contexto da ampla movimentação social e política em prol da (re)democratização da sociedade brasileira. Esse processo ficou conhecido como Movimento Renovador da Educação Física brasileira, e foi impulsionado por estudiosos da área elevarem seus estudos às áreas das Ciências Humanas, ocasionando mudanças em diversas dimensões da área.

O Movimento Renovador da Educação Física brasileira foi caracterizado por uma forte crítica às concepções e à forma como era entendida a especificidade da

Educação Física escolar, buscando promover uma radicalização em seu objeto de atuação. Valter Bracht (2010) explica que:

o corpo não mais é entendido somente como uma dimensão da natureza (em nós) e sim, principalmente, como uma construção cultural, portanto, simbólica. O corpo e suas práticas expressam a sociedade na qual estão inseridos, ou seja, são construções históricas, assim como, no extremo, a própria noção de natureza é uma construção histórica. Nesse entendimento, as diferentes práticas corporais (ou atividades físicas, como eram chamadas) foram construídas pelo homem em determinado contexto histórico-cultural e com sentidos próprios. Promove-se, então, uma “culturalização” do objeto/conteúdo da Educação Física. Assim vão ser cunhadas as expressões cultura corporal, cultura de movimento e cultura corporal de movimento para expressar o objeto/conteúdo de ensino da Educação Física (p. 02).

No que se refere ao campo educacional, questionou-se, portanto, a prática mecanizada com foco na aptidão física e nos esportes coletivos, que sustentavam de forma majoritária as práticas pedagógicas da Educação Física. Valter Bracht (2010) continua nos esclarecendo que:

Trata-se, portanto, não mais de apenas submeter os alunos a uma atividade física para “fortificar os corpos” ou, então, de desenvolver as habilidades esportivas inculcando os seus presumíveis valores positivos; passa-se agora a entender a função da disciplina Educação Física como a de [...] propiciar a construção pelo aluno de um amplo acervo cultural — no caso, de uma dimensão específica da cultura, a cultura corporal de movimento. [...] O conteúdo da Educação Física assume assim um duplo caráter: trata-se de um saber fazer e de um saber sobre esse fazer. (p. 03)

Essa perspectiva de Educação Física foi sendo assumida significativamente nos anos recentes, a partir do entendimento do Movimento Renovador de que uma das ações necessárias para transformar a Educação Física seria ressignificá-la à condição de disciplina escolar, tirando-a da categoria de mera atividade (BRACHT; GONZÁLEZ, 2005 *apud* GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009). Assim, buscou-se transformar a área da Educação Física dos termos de atividade física para uma área de conhecimento.

A trajetória da Educação Física escolar ocasionou impacto, ainda, em outro âmbito político-social. Atualmente, é estabelecida como componente curricular obrigatório da Educação Básica legitimada por leis nacionais em consequência das construções e desconstruções que sofreu em sua trajetória. Nesse sentido, as leis brasileiras acompanharam esse processo de transformação social e interno e, conseqüentemente, também sofreram transformações devido às demandas de se oficializar e legitimar o que fora estabelecido até o momento presente.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) brasileira foi promulgada em 1961. De acordo com o artigo 22 da Lei nº 4.024/1961, a prática da Educação Física era obrigatória nos cursos primários (Educação pré-primária e Ensino Primário) e médio (Ginásio e Colégio) aos alunos com idade até dezoito anos. Em 1971, ocorrido uma reforma educacional e promulgado o artigo 7º da Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971, não mais havia referência ao limite de idade de obrigatoriedade da prática, tornando-se obrigatória em todos os níveis de ensino e facultativa ao aluno que estivesse em alguma das seguintes condições: trabalhasse mais de seis horas por dia e estudasse à noite; tivesse mais de 30 anos de idade; prestasse serviço militar; fosse fisicamente incapacitado. Assim, a LDB de 1971, com suas facultatividades, expressa, de fato, como a Educação Física era concebida na época da Ditadura Militar, em que se adotava a ideia de aptidão e capacitação física voltada para a saúde do corpo biológico e para o mercado de trabalho, além de se reforçar a ideia de atividade voltada para o fazer prático, não tendo um conhecimento que necessitava ser transmitido através da reflexão e conceitualização. Tal concepção, ainda, foi colocada como um Decreto: o Decreto nº 69.450/1971 atribuiu nova regulamentação específica à Educação Física, que passou a ser concebida como:

[...] atividade³ que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constituindo um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional (BETTI, 1991, p. 104).

No Ensino Superior, a Educação Física já havia sido introduzida desde 1968, em decorrência da reforma universitária promovida pelo governo militar, que tinha a intenção de desmobilizar politicamente os estudantes, promovendo uma política de “pão e circo” através da prática esportiva.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 é um marco para que a Educação Física se afirme de fato como área de conhecimento, em busca de desconstruir seu estigma de ser apenas atividade para o corpo biológico. Por meio da Lei nº 9.394/1996 e extinguindo o decreto anterior, a responsabilidade pela normatização do ensino da Educação Física foi delegada ao Conselho Nacional e Conselhos Estaduais de Educação, aos sistemas de ensino e às próprias escolas. O

³ Como muito explicitado nas reflexões deste capítulo, o termo "atividade" empregado no texto legal remete à ideia de uma Educação Física relacionada a um fazer prático com um fim em si mesmo, não dotado de uma transmissão de conhecimentos tendo como objeto de estudo a reflexão teórica.

parágrafo 3º do artigo 26 da LDB nº 9394/1996 determina, apesar de aparentes contradições apontadas por estudiosos da Educação Física, que “a educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica”.

A nova configuração de Educação Física na escola urgiu pois, como ponderam González e Fensterseifer (2009):

essa ruptura com a tradição [...] colocou à Educação Física a necessidade de reinventar o seu espaço na escola, agora com o caráter de uma disciplina escolar. Educação Física na forma de um componente curricular, responsável por um conhecimento específico (inclusive conceitual), subordinado a funções sociais de uma escola republicana, comprometida com a necessidade que as novas gerações têm de conhecimentos capazes de potencializá-los para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo (p. 12).

A Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003, é a que se apresenta em vigor atualmente. Esta lei ainda apresenta antigas facultatividades que se conflitam com o reconhecimento da Educação Física escolar como área de conhecimento, criando diversas lacunas a serem trabalhadas para melhorias na área. Ainda, tais lacunas contribuem para os tensionamentos recentes da área entre a resistência da construção tradicional da Educação Física, entendida atualmente como um “exercitar-se para”⁴, e a presente configuração da Educação Física entendida como área de conhecimento e legitimada como componente curricular, o que ocasiona crises de identidade e legitimidade da Educação Física escolar. Valter Bracht (1999), em seu texto intitulado “Legitimidade da Educação Física II: O retorno”, transcorre sobre essa crise de identidade explicando que criou-se um cenário em que a área da Educação Física escolar passa por conflitos de reconhecimento como componente curricular no que tange duas esferas: o argumento de educar o corpo em uma dimensão biológica, porém ultrapassado, enquanto que os pedagogos críticos resistem em incluir a Educação Física em seus projetos educacionais por essa disciplina ter sido atrelada a argumentos maquinários e inconsistentes sobre a educação do corpo, denunciando que essa perspectiva não se contextualiza com as necessidades de formação do homem na perspectiva da totalidade.

⁴ Refiro-me à construção de González e Fensterseifer (2009) na formulação dessa expressão, assim explicando-a como um “exercitar-se para [melhorar a saúde, exercitar-se para formar o caráter, exercitar-se para o desenvolvimento do homem integral]”.

3.3 A Escola Estadual Pedro II

3.3.1 História

O Grupo Escolar Dom Pedro II, assim intitulado à época, em homenagem à memória do 2º imperador do Brasil, foi criado em dezembro de 1925 (pelo decreto nº 7.044) e instalado em setembro de 1926. A escola funcionou inicialmente com oito classes, transferidas do Grupo Escolar Henrique Diniz, da capital. Mais tarde, por força da Lei, passou a se chamar Escola Estadual Pedro II. Atualmente, a Escola Estadual Pedro II oferece os níveis de ensino fundamental e médio para mais de mil alunos.⁵ A escola, projetada pelo arquiteto Carlos Santos, foi construída no estilo neocolonial, sendo inaugurada em dois de setembro de 1926. Este novo estilo arquitetônico foi marcado pela ornamentação que faz referência à arquitetura externa dos templos e chafarizes coloniais. No caso da Escola Estadual Pedro II, o arquiteto incorporou vários elementos barrocos à construção.⁶ No início do ano de 2010, depois de dois anos e seis meses fechada por conta de obras de restauração e reforma, a escola reabriu para suas funções, com o status de “escola-modelo” dado pela Secretaria de Estado da Educação (SES). Nesse processo, a disciplina de Educação Física foi a que mais teve de ser elaborada para além do convencional, pois a escola não conta com quadras poliesportivas; isso porque, apesar da reforma, não era possível interferir na planta da escola, pelo fato da mesma ter sido tombada. Com isso, criou-se o projeto “Educação Diferente” para a Educação Física.

3.4 O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID

O PIBID é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação. O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais das licenciaturas que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. Para isso, os estudantes são inseridos no universo das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura (coordenador de área) e de um professor da escola (supervisor/preceptor).

O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o PIBID faz uma articulação entre a educação

⁵ Fonte: Governo do Estado.

⁶ Fonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico - IEPHA

superior, a escola e os sistemas estaduais e municipais. A intenção do programa é unir as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas, a favor da melhoria do ensino nas escolas públicas.

Entre as propostas do PIBID está o incentivo à carreira do magistério nas áreas da educação básica com maior carência de professores com formação específica, além da intencionalidade de elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura e inserir os futuros profissionais no cotidiano de escolas da rede pública de educação. Ainda, o programa mobiliza os professores das escolas públicas de educação básica, mobilizando estes profissionais como cofomadores dos futuros docentes e tornando as escolas protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério.⁷

Dessa forma, a Universidade Federal de Minas Gerais foi uma das Intituições de Ensino Superior que, à época, endereçou à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) um projeto de iniciação à docência para se candidatar ao programa. Tendo obtido êxito, o curso de licenciatura em Educação Física da universidade foi um dos subprojetos que iniciou seus trabalhos de qualificação discente por meio do programa, em parceria com as redes públicas de ensino escolhidas, com vinte horas semanais dedicadas ao projeto, em uma logística de trabalho girando em torno da tríade pesquisa-extensão-ensino.

Em minha experiência como *pibidiana*⁸ nessa escola, que se vinculou à instituição por meio do programa e onde permaneci por um semestre, tive a oportunidade de realizar esse salto qualitativo em minha formação, acompanhando organicamente o cotidiano escolar e, mais especificamente, o cotidiano laboral da professora de Educação Física vigente da escola, hora como observação participante, hora como coparticipação docente, hora como protagonista das aulas.

3.5 A Educação Física no Ensino Médio – Implicações e problemáticas recentes

No constante processo de (r)evolução cultural que reverbera na construção do currículo, essa etapa da escolarização, de forma geral, visa o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos e trabalhados no Ensino Fundamental. Sendo a última etapa da educação básica, é norteado pelos documentos e resoluções vigentes para

⁷ Fonte: Ministério da Educação.

⁸ Apelido criado pelos e aos(às) bolsistas do PIBID.

a educação nacional. Atualmente, vem sendo alvo de constantes debates acerca de sua estruturação, inclusive com mudanças na lei um tanto questionáveis.

Na Base Nacional Comum Curricular, a Educação Física, integrada à área de Linguagens, visa trabalhar com recursos expressivos na educação dos sujeitos para sua participação crítica na vida em sociedade. O termo abrange também diferentes formas de experiências estéticas, sensoriais, sensíveis, corporais, dentre outras. Dentro da área de Linguagens, a atribuição da Educação Física escolar é tratar das práticas que constituem a cultura corporal de movimento, considerando o acesso, a pluralidade, as transformações, o combate a preconceitos, bem como a interface das práticas corporais com a saúde, o lazer, a estética, dentre outros (BRASIL, 2016).

Já nas discussões atuais, além das polêmicas em torno da recente redação da Base Nacional Comum Curricular, tem-se a reforma do ensino médio, considerada a maior alteração feita nesta etapa da educação básica desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996. A reforma do ensino médio foi instituída por Medida Provisória no ano de 2016, sendo sancionada pelo presidente interino da época, sem consenso entre governo, educadores e sociedade civil. Trata-se de uma mudança estrutural para esse nível de ensino, que propõe uma flexibilização da grade curricular. Com a reforma, a obrigatoriedade da Educação Física no novo ensino médio passou a ser questionada.

No novo ensino médio, o aluno pode optar por uma área do conhecimento para aprofundar seus estudos, visto que passa a ser composto por um conjunto de disciplinas comuns e obrigatórias a todas as escolas e outro conjunto de disciplinas flexíveis, segmentadas entre as cinco áreas do conhecimento, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular. Assim, a Educação Física, que integra a área de Linguagens, antes disciplina obrigatória em todos os anos da educação básica, agora poderá ser tratada como optativa, isto é, tanto as escolas podem ou não oferecer, visto que ficam obrigadas somente a oferecerem no mínimo uma das cinco áreas, quanto o aluno pode escolher cursar ou não, visto que poderá escolher somente uma das cinco áreas para complementar seu currículo do ensino médio.

Após um intenso processo de debates e críticas, o texto aprovado voltou a incluir Educação Física como componente curricular obrigatório, porém ainda em um clima de desassossegos. No último ano do Ensino Médio, especificamente, a disciplina será optativa. O processo de desapropriação iminente e, posteriormente, a

frágil reinserção da Educação Física em parte dessa etapa formativa da Educação Básica acende, novamente, a discussão acerca da legitimidade desse componente curricular.

Então, os pontos diagnosticados como muito questionáveis sobre a reforma, são, dentre outros, esta ter sido feita por meio de Medida Provisória, a falácia da flexibilização curricular e apontamentos para uma educação tecnicista, pura e simplesmente à serviço do mercado, sem o enfoque em uma educação para formar sujeitos críticos e autônomos que tanto lutou-se para firmar-se de tal forma, além de restringir e abreviar a oferta educacional e ampliar as desigualdades educacionais.

Todas essas implicações refletem de forma incisiva na qualidade do processo educacional nesta etapa da escolarização como um todo. A formação educacional dos discentes, a metodologia de ensino-aprendizagem dos docentes, o cotidiano escolar e a qualidade do cotidiano laboral do corpo educacional são significativamente comprometidos com tais medidas, aplicadas de forma compulsória, sem exaustivos debates e sem consulta à especialistas, educadores e educandos.

4 METODOLOGIA

4.1 Caracterização do estudo

Um trabalho de pesquisa que objetive conhecer determinada realidade requer que exista relação entre o sujeito e o objeto. Sendo assim, esse trabalho tem como suporte básico as concepções qualitativas, por ser a abordagem mais adequada à complexidade presente no fenômeno e espaço estudados. O foco, portanto, não está na busca por representatividade numérica, mas aprofundar a compreensão do espaço estudado através do caráter subjetivo que esse tipo de pesquisa possibilita, buscando as particularidades e experiências individuais. As reflexões de Gerhardt e Souza (2009) corroboram com o supracitado, ao dizer que:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. [...] Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. [...] A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (p. 31-32)

As referidas autoras, ainda, citam Minayo (2001) ao prolongar suas reflexões e explicar que “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p. 32)”

Ainda, o tipo de estudo colocado em prática nesta pesquisa é o Estudo de Caso, por se tratar da pesquisa de uma delimitação específica de uma unidade educativa. Segundo Fonseca (2002):

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador. (p. 33)

Para tornar possível a coleta de dados deste estudo, me utilizei da Entrevista, Observação e experiência pessoal como técnicas de coleta de dados. A Entrevista, como uma forma de interação social, foi minha principal fonte de informação de acordo com meus objetivos específicos, visto o caráter investigatório e orientado para um objetivo já pré-definido. Ainda, dos tipos de entrevista, me utilizei da Entrevista semi-estruturada, pois me permitiu liberdade e flexibilidade no diálogo com os(as) entrevistados(as), buscando em suas falas maiores desdobramentos do tema principal através de um roteiro já previamente planejado. A importância dessa escolha, nas palavras de Ludke e André (1986), se mostrou por que:

Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica. (p. 33-34)

Outra técnica importante para meu estudo, a Observação, me permitiu, em um âmbito mais pessoal, a captação de informações e ações importantes sobre o campo de estudo e se mostrou importante aliada da técnica de Entrevista. Aliado à este procedimento, minha experiência pessoal como *pibidiana* também foi utilizada como ponto de reflexão e análise, por estar intimamente ligada, na época, ao

cotidiano das aulas de Educação Física. Mais especificamente, me utilizei da Observação Participante (como acervo da minha experiência pessoal), a fim de obter informações sobre a realidade contextualizada dos sujeitos escolares. Segundo Gerhardt e Souza (2009):

É uma técnica que faz uso dos sentidos para a apreensão de determinados aspectos da realidade. Ela consiste em ver, ouvir e examinar os fatos, os fenômenos que se pretende investigar. A técnica da observação desempenha importante papel no contexto da descoberta e obriga o investigador a ter um contato mais próximo com o objeto de estudo. [...] A observação participante permite captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas. Os fenômenos são observados diretamente na própria realidade. A observação participante apreende o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (p. 74-75)

4.2 Procedimentos

A Entrevista semi-estruturada, aplicada no segundo semestre de 2018 na forma de eixos temáticos, foi realizada com a professora da disciplina de Educação Física do Ensino Médio vigente na escola, bem como, também, realizada com os estudantes do ensino médio da escola, entre eles seis alunos(as) do terceiro ano, cinco alunos(as) do segundo ano e quatro alunos(as) do primeiro ano, de forma a abarcar diversas significações e ressignificações da Educação Física escolar nessa instituição na perspectiva dos sujeitos escolares. A decisão de entrevistar os sujeitos educandos do Ensino Médio dessa escola se deu pelo fato de que muitos deles já vem traçando sua trajetória escolar desde o ensino fundamental no Pedro II, além do fato de que, dada as suas experiências por estarem nessa etapa da educação básica, poderiam narrar experiências detalhadas e aprofundadas sobre suas vivências na Educação Física nessa escola. Ainda, o critério para se escolher quem seria entrevistado se deu de forma aleatória; o convite foi feito a quem poderia se interessar nos objetivos desta pesquisa.

A Observação foi realizada nas aulas regulares de Educação Física nos respectivos horários em que aconteceram, no turno matutino, no mesmo dia que as entrevistas foram realizadas. Não foi possível realizar análise documental, pois tais documentos não estavam disponíveis na administração da escola. Ainda, quanto aos cuidados éticos, foi emitido um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para proporcionar a cada um dos participantes e/ou responsáveis voluntários da pesquisa segurança, confidencialidade e assegurá-los de que sua participação pôde ocorrer de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida, além do

comprometimento de que os dados coletados, juntamente aos resultados da pesquisa, serão fidedignos.

4.3 Materiais e Métodos

Um gravador de voz de baixo custo (como um aplicativo do próprio celular) foi utilizado para as entrevistas, assim como um bloco de notas para anotações importantes e detalhes que mais despertem o interesse. O gravador é um importante instrumento na utilização desse método de coleta de dados, por proporcionar ao entrevistador uma maior precisão na transcrição dos dados. Com isso, o pesquisador pode ser capaz de fazer revisões e captar elementos de comunicação de significativa importância, como a entonação da voz e pausas de reflexão, aprimorando a compreensão do que foi relatado. O cuidado a ser tomado é o de constantemente observar se o uso deste não causa inibição e/ou constrangimento no entrevistado. As entrevistas foram realizadas individualmente e em particular com cada um dos participantes, em espaços coletivos disponibilizados pela escola.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No transcorrer das entrevistas, pude perceber semelhanças nas narrativas dos alunos e alunas no que diz respeito ao aprendizado incorporado por cada sujeito através das aulas de Educação Física. Dentre essas semelhanças, pude notar, na grande maioria das entrevistas, o relato de uma Educação Física “rola-bola”⁹, vivida na escola que estudaram anteriormente ao Pedro II; algo que, segundo os alunos, não foi uma experiência significativamente rica, inclusive ao ponto de não gerar aprendizados para além dos específicos aos conteúdos da disciplina.

Os apontamentos acima ficaram evidentes para mim em narrativas como a da estudante Vitória, do segundo ano do ensino médio, quando me relatou que:

“A Educação Física daqui é completamente diferente da experiência que eu tive mais nova, né. [...] O professor levava a gente pra quadra e soltava a galera. Uns jogavam futebol, outros jogavam outra coisa de bola. Mas, nunca tive matéria mesmo, que nem aqui, que tem teoria. Era sempre uma brincadeira que a gente mesmo fazia entre nós. [...]

⁹ Termo comumente utilizado para caracterizar uma prática de Educação Física que não apresenta um método pedagógico sistematizado. Também muito relacionado ao(à) professor(a) de Educação Física que está em processo de desinvestimento pedagógico.

Também não pude deixar de atentar-me ao fato de que, como que contrastante à experiência anterior, a Educação Física que esses mesmos alunos encontraram no Pedro II não só atendeu às expectativas das especificidades próprias dos conteúdos, como também transcendeu para outros sentidos e outras dimensões da aprendizagem. Ou seja, há na vivência da Educação Física da Escola Estadual Pedro II elementos que singularizaram o entendimento dos indivíduos sobre esse campo do conhecimento, inclusive ao ponto de permitir também aos alunos que fizessem contrastes com experiências anteriores. Vitória continuou me relatando que:

“Eu descobri muita coisa aqui no Pedro II com a Educação Física, desde que eu entrei aqui. Eu sempre achei aqui diferente, e aprendi muita coisa. Eu aprendi que a Educação Física não é só você chegar e brincar, tem muita coisa por trás disso. A gente trabalhou até o psicológico, mesmo. A professora trabalhou a mente e o corpo com a gente, e eu acho que isso é muito importante. [...] Esses aprendizados eu não tive nas outras escolas, foi mais aqui no Pedro II.”

Quando digo sobre “outras dimensões da aprendizagem” me refiro às dimensões conceitual, procedimental e atitudinal na perspectiva da cultura corporal de movimento. Aqui, irei me ater às dimensões procedimental, que diz respeito às especificidades dos conteúdos próprios da Educação Física, e à atitudinal, que identifiquei ser a esfera da aprendizagem que transcendeu a experiência corpórea dos sujeitos.

Como explicitado ao longo desta pesquisa, a professora Cristiane Guieiro dá o enfoque de suas aulas nos macroconteúdos de Ginásticas, Danças, Jogos e Brincadeiras, Lutas e Esportes de Aventura; fato esse que, por si só, me faz considerar ser marcante para os alunos por conta de relatos como o do estudante Arthur, do terceiro ano do Ensino Médio, ao me narrar que: *“[...]são coisas que eu nunca tinha trabalhado, como as ginásticas e as danças; me fizeram muito bem, e me fizeram conhecer outras práticas também”*. Então, o próprio fato do enfoque das aulas de Educação Física ser diferenciado de outras escolas em geral parece ser algo que marca a experiência dos alunos.

Porém, aliado ao ensino dos conteúdos específicos da Educação Física, considero que há um cuidado com a esfera relacional e afetiva pela professora com os alunos que também é marcante, trabalhando questões como inteligência emocional e, também, o que os alunos e a professora denominaram como “cuidados

com a mente e com o corpo”. Dentre os relatos que me chamaram a atenção, há o da estudante Gabriela, do primeiro ano do Ensino Médio, ao me dizer que:

“[...]Eu vim pra cá no 1º ano e já aprendi a jogar xadrez, aprendi sobre danças, taekwondo, ginástica rítmica, capoeira, também questões sobre a física da coisa e tantas questões históricas também. Mas o que vou levar pra vida é, realmente, essa questão da mentalidade. Realmente me marcou, ficamos muito tempo estudando sobre isso, pois é muito importante que a nossa cabeça esteja bem e atualmente percebo isso mais.”

Outra questão que me despertou a atenção é de como, de fato, o discurso e a prática da professora Cristiane reverbera no relato dos alunos, quando perguntados sobre como eles entendiam a Educação Física e sobre os aprendizados que tiravam da Educação Física do Pedro II, tanto sobre o aprendizado dos conteúdos quanto a transposição desse conhecimento para a vida fora da escola. É através do ensino dos conteúdos da Educação Física que a professora Cristiane trabalha, inclusive, a dimensão relacional que tanto é marcante para os alunos, unindo as esferas procedimental e atitudinal, seguindo uma metodologia de ensino crítica no âmbito da Cultura Corporal de Movimento e uma lógica de Educação Física que ela chama de “alternativa”. Há trechos na entrevista da professora que corroboram com as considerações acima:

“Na minha formação, eu tive pouca orientação sobre os autores da Educação Física. [...] Mas, estudando por conta própria, busquei muita coisa da psicanálise, da sociologia e da filosofia para trabalhar a Educação Física aqui na escola; por, justamente, ser um projeto diferente, no sentido de fugir um pouco dos esportes e estarmos sempre em busca de criar uma atividade diferenciada. [...] As minhas primeiras ideias surgiram de algumas aulas que eu tive na Universidade, na Escola de Educação Física; aulas mais alternativas, que eu tive com professores que trabalhavam a Educação Física de forma mais alternativa, como na disciplina de Bioenergética, e aulas de sexualidade e afetividade. A gente trabalhava muito as questões afetivas dentro da escola, tinham muitas dinâmicas que envolviam isso, como dinâmicas do ‘abraço’, da ‘aproximação’. Então, primeiramente o projeto foi focado nessas duas práticas que eu tive na Universidade, e que eu fui construindo o espaço aqui. [...] Então, as aulas foram mais focadas para essa questão do socioemocional, e das questões culturais da Educação Física também. [...] Das práticas corporais, começamos com o conteúdo de Danças, e isso é forte até hoje,

pois o conteúdo que a gente mais trabalha aqui na escola hoje é o de Danças. Todos os anos trabalhamos com Danças, cada ano com um subconteúdo desta diferente.”

Em minha experiência como *pibidiana* também pude constatar o relatado pelos alunos e pela professora. Nas aulas da professora Cristiane, era nítido que as estratégias de ensino utilizadas por ela levavam em conta tanto sua metodologia de ensino (a qual ela mais se identificava e utilizava em sua forma de trabalhar) quanto a logística de espaço e ambiente, onde ela se utilizava da sala de Educação Física, rica em materiais de diversos conteúdos, e outros espaços disponibilizados pela escola, como os pátios internos e externos e até mesmo a sala de conferências. Observei, no período de um semestre, a professora trabalhar os conteúdos de Danças e Jogos e Brincadeiras, com enfoque no cotidiano escolar e de vida dos alunos; Em Danças, foi criado um projeto denominado “Funk”, que contou com a minha participação no protagonismo de algumas aulas e de outras *pibidianas*, onde foi trabalhado as especificidades técnicas da Dança no geral e problematizado a realidade do Funk na sociedade e na rotina dos alunos, como forma de possibilitar a vivência dessa cultura de forma crítica e com qualidade; Em Jogos e Brincadeiras, trabalhou-se brincadeiras com cordas, afim de se fazer uma comunicação com a dimensão do lazer na Educação Física. Corroborando com autores da Educação Física, Gariglio, Almeida Júnior e Oliveira (2017) também defendem que

é importante lembrarmos que os temas e conteúdos a serem apresentados aos estudantes do Ensino Médio estão vinculados a um conjunto expressivo de práticas corporais produzidas no interior de diferentes contextos culturais. Sendo assim, tais práticas também são, elas próprias, culturais. É justamente essa característica que faz com que os sujeitos que experimentam e se apropriam delas elaborem diferentes sentidos e significados para as mesmas. Ao tomarem contato com essas práticas corporais, estudantes do Ensino Médio podem relacionar-se com tais conhecimentos tendo como referência tanto sua trajetória específica de escolarização como as marcas constitutivas de sua subjetividade. Com isso queremos afirmar a necessidade de que o contato com as aulas de Educação Física no Ensino Médio possibilite aos estudantes o processo de síntese de experiências, vivências e aprendizagens elaboradas no transcurso da Educação Básica, bem como a elaboração de novos sentidos e significados nessa etapa formativa; o que é bem diferente de uma visão meramente instrumental de relação com as práticas corporais. (p. 15)

Além de minhas observações, eram frequentes as conversas com a professora em que ela relatava seu cotidiano escolar em outros conteúdos, como as Lutas e as Ginásticas. Assim, além de trabalhar a especificidade de cada conteúdo da Educação Física, condizente com o Conteúdo Básico Comum (CBC) e com as

Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), havia ainda a comunicação com outras esferas que dizem respeito à Educação Física, como a esfera do lazer, da experiência estética e de saberes de caráter teórico-conceitual.

Partindo para outros pontos de discussão, diante do relato dos alunos fiquei com alguns questionamentos no que diz respeito à Educação Física no Pedro II como um todo: por que os alunos diagnosticam e valorizam a diversidade de conteúdos ensinados pela professora, mas o que é marcante para eles é a esfera atitudinal dos conteúdos? Por que a esfera procedimental é faltosa e menos marcante em muitos dos relatos dos alunos? Buscando pontos de reflexão em autores da Educação Física escolar sobre esses questionamentos, vou ao encontro ao que ponderam Oliveira, Almeida Júnior e Gariglio (2018), quando dizem que

A Educação Física, por tratar pedagogicamente na escola de saberes vinculados mais fortemente ao universo da experiência comum e do cotidiano (jogos, danças, esportes, ginástica) do que de conhecimentos advindos de disciplinas acadêmico-científicas, ou, então, de forma mais geral, de saberes de caráter teórico-conceitual (abstratos); pela relação estreita dos seus saberes com o espaço/tempo do mundo do lazer (prática social essa com menos reconhecimento social comparativamente com o mundo do trabalho); e por ser uma ação pedagógica impregnada de experiências estéticas (corporais, grupais, relacionais, comunicativas, [...]) acaba por enfrentar grandes dificuldades de legitimação e reconhecimento no currículo escolar, sobretudo em um cenário educacional no qual a “boa educação escolar” significa ter boas notas em Português e Matemática. (p. 28)

A reflexão acima pode se estender também para a visão dos alunos sobre Educação Física. Como já dito, apesar de diagnosticarem e valorizarem a diversidade de conteúdos ensinados pela professora, o que é mais marcante e o que eles mais transpõem para a vida fora da escola são outras esferas do conteúdo, que não o procedimental. Ainda, entendo que essa valorização dos conteúdos se dá, em boa parte, pelo contraste que eles fizeram entre a Educação Física que tiveram em escolas passadas e a Educação Física que eles encontraram no Pedro II, como também pelo próprio projeto diferenciado de Educação Física aplicado nesta escola.

Um possível encaminhamento para que essa não seja uma experiência negativada no que concerne a legitimidade da Educação Física na escola e a importância do aprendizado de sua especificidade nesta instituição seria o de trabalhar o lazer como categoria para a organização do currículo. Valter Bratch é um dos autores que defendem o lazer como dimensão legitimadora da Educação Física na escola (mas não como conteúdo da Educação Física), ao defender a educação

pelo e para o lazer, na perspectiva do não-trabalho. De modo geral, nas palavras de Oliveira, Almeida Júnior e Gariglio (2017), sobre os maiores desafios que a Educação Física encontra atualmente para buscar legitimidade dentro da instituição escolar, deveria-se construir o currículo pensando que “poderíamos pensar uma Educação Física no Ensino Médio que não negue o esclarecimento crítico, mas não o restrinja à razão. Uma Educação Física que faça dialogar a noção de corpo biológico com o corpo estético, em uma leitura ampliada de criticidade (p. 16).” É o que defende, também, Valter Bracht (2001), ao dizer que

é preciso considerar a educação estética ou da sensibilidade como elemento importante do que poderíamos chamar de criticidade, quer dizer, a ideia de criticidade é uma ideia muito centrada na razão, ou de racionalidade como dimensão intelectual (às vezes restrita à ciência ou à racionalidade científica). Isso significa que a recuperação do corpo como sujeito pode fazer com que reformulemos o nosso conceito de criticidade, ampliemos o nosso conceito de razão, englobando as dimensões estéticas e éticas. A atual hegemonia do conhecimento científico na escola precisa ser flexibilizada para permitir que outros saberes se legitimem. Somente na medida em que se reconhecem como legítimos outros saberes que não os de caráter conceitual ou intelectual é que temos uma chance de nos afirmarmos no currículo escolar (BRACHT, 2001, p.77)

Para além das problemáticas expostas, outra questão que vai ao encontro ao cotidiano escolar e que perpassa na vida orgânica da escola pública estadual são as implicações que o processo da Medida Provisória da Reforma do Ensino Médio gera no cotidiano escolar (que, inclusive, foi uma das questões do roteiro de entrevista, em anexo neste estudo), problemática essa que, por incidir diretamente na vida orgânica da escola, transparece no relato dos alunos no que diz respeito às experiências vividas nas aulas de Educação Física. No caso da Escola Estadual Pedro II, especificamente, que é tratada pelo Estado como modelo de escola estadual, as implicações dessa reforma foram um tanto incisivas. A professora Cristiane, quando perguntada sobre os impactos da nova lei do Ensino Médio na Educação Física, foi contundente:

“Para a Educação Física foi péssimo. Já relegou a disciplina como se ela não contribuísse em nada na formação dos alunos, isso ficou muito claro. Excluíram um pouco da escola. Na minha visão, essa nova proposta de ensino médio procura atender o mercado, procura fazer o corpo do aluno na escola voltar a ser o corpo do trabalhador. A Educação Física não se encaixa mais nesse perfil, porque como a nossa lógica de Educação Física não é mais produzir o trabalhador, como já foi no passado, e sim a de produzir o cidadão, então ela não se encaixa mais, não precisa

existir; assim como não precisa existir mais a sociologia, a filosofia e outros, porque a ideia de corpo é a ideia do corpo não-pensante, é a ideia do corpo-máquina. O aluno vai se formar aqui dentro de uma área técnica e vai executar essa área técnica em que se formou. Então, acho que enxugou e empobreceu muito o currículo dos alunos, tirou deles a oportunidade de terem acesso aos conhecimentos para que ele próprio possa fazer as escolhas do que ele quer pra si. E para nós da Educação Física, simplesmente nos excluíram. Tiraram a gente como uma parte significativa da formação do aluno, como se o que a gente fizesse não tivesse a menor importância. Voltando o foco para as outras disciplinas também, a única coisa que importa na BNCC, juntamente à essa proposta do novo ensino médio, é português e matemática. É o que se entende que temos que saber, minimamente, para arrumar um emprego.”

Quando foi perguntado aos alunos entrevistados sobre essa questão, percebi que, de maneira geral, o sentimento de defasagem era comum. Ou seja, as implicações da nova lei incidem diretamente na qualidade de ensino-aprendizagem dos sujeitos escolares. Percebi na fala do estudante João, do terceiro ano do ensino médio, algumas das implicações, na prática, que a nova lei já traz:

“Nós estamos novamente vivendo um processo de transição, então a Emenda Constitucional (PEC 55) ainda não está efetiva nas escolas. Porém, eu vejo, pela postura da professora, um desgaste, por falta de verbas, por limite de possibilidades de realização; então, eu já estou percebendo uma professora improvisando, se utilizando um pouco mais do seu talento. A gente sabe que aqui no Brasil a gente tem muitos talentos, mas não é só isso que é importante. Então, de certa forma, mudanças são necessárias? São. Mas eu não acredito em mudanças estruturais num país igual ao Brasil. É importante ter-se um ensino técnico para um país que cada vez mais tem pessoas querendo trabalhar em empresas e afins? Sim, é importante, mas isso não quer dizer que Educação Física, artes e filosofia, por exemplo, são matérias menos importantes; ao contrário, elas geram cidadania, e eu acho que é uma palavra também que inclusive a professora trabalha muito, que é importante. A cidadania é fundamental inclusive pro mercado de trabalho. Eu entendo também a Educação Física como uma atividade social; das disciplinas, é a matéria mais social que tem. [Nas outras disciplinas], eu tô ali na sala de aula, eu estou junto dos outros e faço trabalho junto, porém na Educação Física, como você

tem contato com o corpo e com o que o outro está sentindo, é uma atividade importante também.”

De fato, Gariglio, Almeida Júnior e Oliveira (2017) também consideram que “o pano de fundo da reforma, portanto, é fortemente marcado pela lógica pragmática, utilitária e pelo ideário eficientista no campo educacional. (p. 06)” É de caráter quase unânime, entre os sujeitos da educação do nosso país, que a reforma do Ensino Médio representa um grande retrocesso na qualidade do ensino das escolas, em especial as públicas. Gariglio, Almeida Júnior e Oliveira (2017) continuam a considerar que

A ideia de organização dos currículos por itinerários formativos específicos, com ênfases em cinco áreas distintas e sem a área de Ciências Sociais, tende a conferir ao currículo um caráter utilitarista, voltado unicamente ao atendimento de perspectivas futuras de inserção no mercado de trabalho, negligenciando, também, a função de “formação para a cidadania” prevista na atual LDB. [...] Essa concepção reducionista impressa na contrarreforma do Ensino Médio, portanto, acaba por interromper ou dificultar a formação de uma cidadania ampliada para todos (ética, técnico-científica, cultural-artística, de ampliação da consciência sobre o próprio corpo e de reconhecimento do direito de existir do outro). Dessa forma, ela se configura como um brutal retrocesso porque atua de forma a institucionalizar a desigualdade estrutural presente na sociedade brasileira concebendo uma escola de Ensino Médio aligeirada para os jovens “vocacionados” para o mercado de trabalho. (p. 05)

Em minha experiência como *Pibidiana*, onde participei do cotidiano escolar logo antes do anúncio de aplicação da lei nas escolas, pude observar, na prática, a qualidade do ensino da professora Cristiane e o forte caráter interdisciplinar presente na escola Pedro II. Voltando no ano seguinte à escola e encontrar nos relatos dos alunos e da professora tais constatações reafirma os desafios colocados para a Educação Física na escola Pedro II, no que tange ser uma escola pública estadual modelo, o caráter interdisciplinar da instituição e a continuação do projeto diferenciado de ensino.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que as atribuições dadas à Educação Física escolar estão intrinsecamente vinculadas ao contexto histórico, político, social, econômico e cultural no qual essas atribuições são forjadas, visto que a Educação Física, enquanto componente curricular da educação básica pertencente à escola, esta compreendida como uma instituição republicana e como segmento da sociedade, é sujeito e objeto no acompanhamento das transformações culturais e sociais ao longo

do tempo. Na Escola Estadual Pedro II, os sentidos atribuídos à construção de Educação Física nesta escola, pelos sujeitos escolares desta, de forma majoritária, vão ao encontro da discussão de uma Educação Física crítica, que busca formar sujeitos autônomos de sua intervenção social.

Os espaços da escola são elemento fundamental para o debate sobre o recorte curricular da disciplina de Educação Física que é realizado nesta escola, e reflete diretamente na experiência educacional dos discentes; de forma geral, esta experiência se dá de forma positiva, no âmbito da qualificação da formação individual e coletiva, em um processo diferenciado do considerado convencional, o qual eles não tinham vivenciado em outras escolas.

Algumas ressalvas, que podem servir de apontamentos futuros e desafios a serem superados: há de se pensar sobre a aparente exclusão do conteúdo de Esportes (coletivos) do recorte que é feito do currículo nessa escola, sendo este, assim como os demais conteúdos, de direito à experimentação e aprendizado. Ainda, a Educação Física escolar, sendo tratada no entendimento da cultura corporal de movimento, deve ser legitimada como tal, ou seja, na importância do aprendizado de sua especificidade (que são os conteúdos da cultura corpórea historicamente construída), e não na dimensão atitudinal atribuída à disciplina, que, inclusive, é trabalhada nas diversas outras disciplinas escolares. Estes apontamentos são de suma importância, principalmente em tempos de luta contra retrocessos escancarados que vivemos no campo educacional.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. **A Educação Física no Ensino Fundamental**. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

BRACHT, V. **Legitimidade da Educação Física II: o retorno**. Intervenção no Congresso Espírito-santense de Educação Física realizado em Vitória/ES em Dezembro de 1999, em mesa redonda que discutiu o tema “Saber e fazer pedagógicos: a educação física como componente curricular”. Laboratório de Estudos em Educação Física – LESEF; CEFD/UFES.

BRACHT, V. **Saber e fazer pedagógicos: acerca da legitimidade da educação física como componente curricular**. In: CAPARROZ, F. E. (Org). Educação Física Escolar: Política, investigação e intervenção. Vitória: Proteoria, 2001, p. 67-80.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Segunda Versão. Revista. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>>

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

CASTRO, V. G. **AS ATRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: um enfoque especial no Ensino Médio**. Motrivivência, Florianópolis/SC, v. 29, n. 52, p. 124-135, setembro/2017.

ESCOLANO, Agustín. **Arquitetura como programa: espaço-escola e currículo**. In: FRAGO, A. V; ESCOLANO, A. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 19-57.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRAGO, A. V. **Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões**. In: FRAGO, A. V; ESCOLANO, A. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 59-139.

GARIGLIO, J. A; ALMEIDA JÚNIOR, A. S; OLIVEIRA, C. M. **O “NOVO” ENSINO MÉDIO: implicações ao processo de legitimação da Educação Física**. Motrivivência, Florianópolis/SC, v. 29, n. 52, p. 53-70, setembro/2017.

GERHARDT, T. E.; SOUZA, A. C. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Apostila.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **ENTRE O “NÃO MAIS” E O “AINDA NÃO”**: Pensando saídas do não-lugar da EF Escolar I. Cadernos de Formação RBCE, p. 9-24, set. 2009.

IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. **Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais**. (SD; não publicado; acervo pessoal).

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 1 ed. São Paulo: EPU, 1986.

NEIRA, M. G.; JÚNIOR, M. S. **A EDUCAÇÃO FÍSICA NA BNCC: procedimentos, concepções e efeitos**. Motrivivência v. 28, n. 48, p. 188-206, setembro/2016.

OLIVEIRA, C. M.; ALMEIDA JÚNIOR, A. S.; GARIGLIO, J. A. **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, JUVENTUDES E PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO NO CONTEXTO DAS “NOVAS” POLÍTICAS EDUCACIONAIS: perguntas para e com os sujeitos do Ensino Médio**. In: NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T.; FARIAS, U. S. (Org.). Educação Física Escolar no Ensino Médio: a prática pedagógica em evidência 2. 1 ed. Curitiba: CRV, 2018. Cap. 1, p. 25-28.

ROCHA, M.; TENÓRIO, K. M.; JÚNIOR, M. S.; NEIRA, M. **AS TEORIAS CURRICULARES NAS PRODUÇÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: Uma revisão sistemática**. Anais do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte; VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte - Territorialidade e Diversidade Regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a Educação Física e Ciências do Esporte. Vitória, setembro de 2015.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **O ensino das Lutas nas aulas de Educação Física: Análise da prática pedagógica à luz de especialistas**. Rev. Educ. Fís/UEM, v. 26, n. 4, p. 505-518, 4. trim. 2015.

SACRISTÁN, J. G. **O que significa o currículo?**. In: SACRISTÁN, J. G. (Org.). Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 17.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática?**. In: SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I (Org.). Compreender e transformar o ensino. 4 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000. Cap. 6, p. 124-125.

APÊNDICE 1 – CARTA DE APRESENTAÇÃO À ESCOLA

Belo Horizonte, 10 de Setembro de 2018

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Ao(À) Sr(a). Diretor(a) da Escola Estadual Dom Pedro II

À Professora Cristiane Guieiro

Sou aluna de graduação em Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, e venho, por meio desta, apresentar-me formalmente à escola, solicitando concessão para realização de pesquisa de campo necessária para o desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “PROJETO ‘EDUCAÇÃO DIFERENTE’ – A DINÂMICA DA PRÁTICA DE ENSINO DIFERENCIADA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA ESTADUAL PEDRO II EM BELO HORIZONTE”, sob orientação do Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Júnior, a ser apresentado em Novembro de 2018. Essa pesquisa de campo transcorrerá durante o mês de Setembro de 2018 e se trata de entrevistas, que pretendo fazer com cerca de 15 alunos(as) e também com a professora Cristiane Guieiro, observação de algumas aulas de Educação Física da referida professora e análise documental de todo documento curricular autêntico disponibilizado pela instituição escolar. Para realizar as entrevistas, pretendo fornecer aos pais e/ou responsáveis dos alunos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de forma a proporcionar a cada um dos participantes e/ou responsáveis voluntários da pesquisa segurança, confidencialidade e, ainda, assegurá-los de que sua participação poderá ocorrer de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida, além do comprometimento de que os dados coletados, juntamente aos resultados da pesquisa, serão fidedignos. Esclareço que não haverá custos para a instituição e, na medida do possível, não irei interferir na operacionalização e/ou nas atividades cotidianas desta.

Agradeço antecipadamente o apoio e compreensão, estando confiante da colaboração da instituição para o desenvolvimento do meu estudo. Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

Gabriela Caroline Borges Soares

- Contato da pesquisadora:
gabicaroline@gmail.com
- Contato do orientador:
admir.almeidajunior@gmail.com

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ESTUDANTES)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da Pesquisa: “**PROJETO ‘EDUCAÇÃO DIFERENTE’ – A DINÂMICA DA PRÁTICA DE ENSINO DIFERENCIADA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA ESTADUAL PEDRO II EM BELO HORIZONTE**”

Nome da Pesquisadora: **Gabriela Caroline Borges Soares**

Nome do Orientador: **Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Júnior**

- **Natureza da pesquisa:** o sr(a) está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa, que tem como finalidade compreender as experiências vividas nas aulas de Educação Física desta escola por parte dos alunos, alunas e professora vigente, e como esse processo reflete em suas vivências.
- **Participantes da pesquisa:** A professora de Educação Física Cristiane Guieiro e 15(quinze) alunos/alunas, sendo 5(cinco) do 1º ano, 5(cinco) do 2º e 5(cinco) do 3º ano do Ensino Médio.
- **Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo, o sr(a) permitirá que a pesquisadora Gabriela Caroline Borges Soares utilize de suas respostas na pesquisa em questão. O sr(a) tem a liberdade de se recusar a participar, bem como se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo ou constrangimento para o sr(a) _____. Sempre que desejar, poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do e-mail da pesquisadora do projeto.
- **Sobre as entrevistas:** As entrevistas se darão por meio de coleta de dados a partir das informações prestadas pelo(a) entrevistado(a), que responderá a um roteiro previamente elaborado pela pesquisadora acerca do tema da pesquisa.
- **Riscos e desconfortos:** a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.
- **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e seu orientador terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados desta pesquisa.
- **Benefícios:** ao participar desta pesquisa, o sr(a) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua para a formação docente (inclusive a formação continuada), de forma que o conhecimento construído a partir desta pesquisa possa auxiliar os(as) diversos(as) professores/as a enfrentar os desafios encontrados no exercício laboral da profissão. A pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.
- **Pagamento:** o sr(a) não terá nenhum tipo de despesa ao participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, favor preencher os itens que se seguem: Confirmando que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvidas a respeito.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa.

Nome do(a) Participante da Pesquisa

RG ou CPF do(a) Participante da Pesquisa

Assinatura dos pais ou responsáveis pelo(a) Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Orientador

Pesquisadora: Gabriela Caroline Borges Soares - E-mail: gabicaroline@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Júnior – E-mail: admir.almeidajunior@gmail.com

APÊNDICE 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PROFESSORA)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da Pesquisa: “**PROJETO ‘EDUCAÇÃO DIFERENTE’ – A DINÂMICA DA PRÁTICA DE ENSINO DIFERENCIADA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA ESTADUAL PEDRO II EM BELO HORIZONTE**”

Nome da Pesquisadora: **Gabriela Caroline Borges Soares**

Nome do Orientador: **Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Júnior**

- **Natureza da pesquisa:** o sr(a) está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa, que tem como finalidade compreender as experiências vividas nas aulas de Educação Física desta escola por parte dos alunos, alunas e professora vigente, e como esse processo reflete em suas vivências.
- **Participantes da pesquisa:** A professora de Educação Física Cristiane Guieiro e 15(quinze) alunos/alunas, sendo 5(cinco) do 1º ano, 5(cinco) do 2º e 5(cinco) do 3º ano do Ensino Médio.
- **Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo, o sr(a) permitirá que a pesquisadora Gabriela Caroline Borges Soares utilize de suas respostas na pesquisa em questão. O sr(a) tem a liberdade de se recusar a participar, bem como se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo ou constrangimento para o sr(a) _____. Sempre que desejar, poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do e-mail da pesquisadora do projeto.
- **Sobre as entrevistas:** As entrevistas se darão por meio de coleta de dados a partir das informações prestadas pelo(a) entrevistado(a), que responderá a um roteiro previamente elaborado pela pesquisadora acerca do tema da pesquisa.
- **Riscos e desconfortos:** a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.
- **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e seu orientador terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados desta pesquisa.
- **Benefícios:** ao participar desta pesquisa, o sr(a) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua para a formação docente (inclusive a formação continuada), de forma que o conhecimento construído a partir desta pesquisa possa auxiliar os(as) diversos(as) professores/as a enfrentar os desafios encontrados no exercício laboral da profissão. A pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.
- **Pagamento:** o sr(a) não terá nenhum tipo de despesa ao participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, favor preencher os itens que se seguem: Confirmando que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvidas a respeito.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa.

Nome do(a) Participante da Pesquisa

RG ou CPF do(a) Participante da Pesquisa

Assinatura

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Orientador

Pesquisadora: Gabriela Caroline Borges Soares - E-mail: gabicaroline@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Júnior – E-mail: admir.almeidajunior@gmail.com

APÊNDICE 4 – EIXOS TEMÁTICOS DA ENTREVISTA APLICADA

- Professora
 - Contextualizar historicamente as condições de surgimento do projeto “Educação Diferente”. Fez sozinha? Com alguém? Usou referências de autores?
 - Apresentar as principais características do projeto que o diferenciam de outros conteúdos curriculares: dialogou com quais referências teóricas? Destaque de temáticas/conteúdos/projetos de ensino?
 - Há quanto tempo esse projeto vem sendo desenvolvido? Houve necessidade de adaptação? Houve mudanças?
 - Avaliação dos impactos da Lei do Novo Ensino Médio (no projeto).

- Estudantes
 - Há quanto tempo estuda nesta escola?
 - Relate sua experiência de Educação Física em outros ambientes: tinha Educação Física em outras escolas? Como era? O que praticava? O que aprendeu?
 - Concepção de Educação Física: para você, o que é, afinal, Educação Física?
 - Que Educação Física encontrou no Pedro II?
 - Seu aprendizado no Pedro II contrasta com os aprendizados anteriores?
 - Percebeu mudanças ao longo do tempo? Positivas? Negativas?
 - Narrar sobre os impactos da lei do Novo Ensino Médio na proposta da Educação Física.

APÊNDICE 5 – ENTREVISTAS

João (3º ano)

- Há quanto tempo você está nessa escola?

- Desde 2013, 7º ano do (ensino) fundamental.

- Você teve Educação Física em outras escolas? Como era a Educação Física nas outras escolas que você estudou?

- Sim, tive Educação Física em outras escolas. Eu estudei no Instituto de Educação, e também em outra escola da região central, Cesáreo Alvim, e o modelo era aquele clássico, vamos dizer assim, desde a época da ditadura (militar) e do esporte. A gente tinha aquela divisão de menino e menina, apesar de hoje em dia isso não ser uma divisão artificial; o professor força isso e acaba que vai tecendo essa divisão pela tradição. Eu jogava futebol e as meninas jogavam queimada, ou então peteca; e era até interessante que a gente só não jogava esses esportes como se fosse um castigo, aquela Educação Física mais disciplinar.

- Então, o que você praticava eram modalidades mais “congeladas” por assim dizer, como por exemplo os meninos jogando futebol e as meninas jogando queimada.

- Isso.

- Você saberia me dizer o que você realmente aprendeu com essas atividades? Ou, não absorveu nada de mais significativo disso?

- Posso dizer que é interessante, sim, ter-se as práticas esportivas, como o futebol, que é a identidade nacional do brasileiro. Só que não é o modelo ideal que eu acredito para a Educação Física, principalmente por essa parte disciplinar, que era muito chato, os alunos terem um comportamento diferente, se inibirem para poderem jogar futebol, como se fosse uma relação de mãe e filho, que você tem que se comportar bem para ganhar um doce; esse não é um modelo interessante. Fora que é um modelo que exclui muita gente porque, se você for pensar, de uma certa forma uma maioria praticava, mas essa minoria que não praticava não iria praticar de jeito nenhum, porque é uma Educação Física que limita. Mesmo que aqui (no Pedro II), por exemplo, a gente faça só uma atividade em uma aula, como a gente agora tá fazendo Ginástica Acrobática, de certa forma não exclui, porque tem uma atividade, então tenta-se incluir os alunos, diferente dessa divisão maniqueísta.

- Aproveitando esse contexto para a próxima pergunta, como você vê a Educação Física que você tem hoje aqui no Pedro II em contraste com a Educação Física que você teve nessas outras escolas?

- Eu penso primeiramente que, pra toda matéria que a gente estuda na escola, é importante ter um contraponto com aquilo que é o senso comum na sociedade. Então, externamente, eu gosto muito de futebol por exemplo, mas a gente tem um bombardeio da mídia com relação a esse esporte, e um bombardeio também de um entendimento de Educação Física que é o de praticar somente isso (o futebol). O primeiro contraste que se tem na aula de Educação Física aqui na escola é você entender na prática que Educação Física envolve muito mais do que a própria prática, que Educação Física envolve saúde do corpo, questões mentais e fisiológicas, acho que isso é o fundamental que a professora Cris, principalmente, trabalha aqui na escola, através de aulas teóricas que temos às vezes, porém principalmente pela prática. Sempre que eu tive aula sobre essas questões (sobre o que a Educação Física representa), era sempre muito na teoria, na prática, as velhas práticas se mantinham.

- Para você, afinal, o que é Educação Física? Qual a sua concepção de Educação Física?

- Educação Física é um estudo que você busca um entendimento, uma consciência do seu corpo, das suas limitações. Eu mesmo sou um aluno que não tenho tanta flexibilidade e agilidade igual os outros para a prática de Educação Física, mas nas atividades que nós tentamos executar aqui, eu tento fazer até onde eu dou conta, assim como vários alunos; então Educação Física é você entender o seu limite e até onde você pode chegar também. Se hoje eu consigo fazer até certo ponto as atividades físicas, ou as aulas mesmo, não significa que amanhã eu possa melhorar. Então, a Educação Física, pensando em um ambiente escolar, é uma forma de você educar o corpo, porque hoje o desgaste é muito grande; todo dia é trabalho e estresse, e eu acho que é importante você ter essa disciplina na escola para que se possa entender que corpo e mente precisam estar de acordo para que se possa estar saudável para essas tarefas.

- Essa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, você percebeu mudanças ao longo do tempo? Positivas, negativas?

- Eu vou começar fazendo um histórico: quando cheguei na escola, eu acredito que a Educação Física no (ensino) fundamental, mesmo que aqui na escola, por

exemplo, você não possa praticar (atividades com) bola, ainda tem resquícios dessa Educação Física que a gente encontra nas outras escolas, então tem um processo transitório em que os alunos vão sendo encaixados. No início, você tem bastante resistência dos alunos porque é diferente mesmo, mas depois a mudança vai se dando com os alunos. O que eu acho interessante das aulas de Educação Física aqui, uma palavra que definiria, seria o dinamismo; hoje é uma disso, amanhã é uma aula de um outro tema, e sempre nesse curto espaço a gente tenta fazer e absorver o máximo possível daquela atividade. Essa dinâmica provoca mudanças, porque eu acredito que até a professora vai entendendo até onde a sala pode chegar. Um ponto positivo que a professora (Cris) passou em relação à Educação Física, em todos esses três anos do Ensino Médio, foi ter passado a história da Educação Física, o que foi muito interessante, porque você se reconhece no período histórico em que você se encontra. Eu acho também que a Educação Física aqui gera reflexão; por que na maioria das outras escolas, sem querer generalizar, você só encontra um tipo de Educação Física, sendo que é uma coisa tão plural? O Brasil precisa de incentivo de outros métodos.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria de saber se você percebeu impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta da Educação Física Escolar. Você recebeu esses impactos diretamente, indiretamente, de forma positiva, negativa, em suma, influenciou muito na prática que você tem aqui hoje de Educação Física?

- Nós estamos novamente vivendo um processo de transição, então a Emenda Constitucional (PEC 55) ainda não está efetiva nas escolas. Porém, eu vejo, pela postura da professora, um desgaste, por falta de verbas, por limite de possibilidades de realização; então, eu já estou percebendo uma professora improvisando, se utilizando um pouco mais do seu talento. A gente sabe que aqui no Brasil a gente tem muitos talentos, mas não é só isso que é importante. Então, de certa forma, mudanças são necessárias? São. Mas eu não acredito em mudanças estruturais num país igual ao Brasil. É importante ter-se um ensino técnico para um país que cada vez mais tem pessoas querendo trabalhar em empresas e afins? Sim, é importante, mas isso não quer dizer que Educação Física, artes e filosofia, por exemplo, são matérias menos importantes; ao contrário, elas geram cidadania, e eu acho que é uma palavra também que inclusive a professora trabalha muito, que é importante. A cidadania é fundamental inclusive pro mercado de trabalho. Eu

entendo também a Educação Física como uma atividade social; das disciplinas, é a matéria mais social que tem. [Nas outras disciplinas], eu tô ali na sala de aula, eu estou junto dos outros e faço trabalho junto, porém na Educação Física, como você tem contato com o corpo e com o que o outro está sentindo, é uma atividade importante também.

Thainá (3º ano)

- Há quanto tempo você está nessa escola?

- 8º ano, desde 2014.

- Você estudou em outras escolas antes de vir pra cá?

- Sim, em mais 3 escolas.

- Como era a Educação Física nas outras escolas que você estudou? O que você praticava?

- Era muito diferente daqui. Na última escola que estudei, por exemplo, eles só davam uma bola pra gente e a gente fazia o que a gente quisesse, mesmo, não tinha aula como a gente tem hoje aqui.

- Você saberia me dizer o que você aprendeu com essa prática de Educação Física? O que você levou com você dessa Educação Física que você praticava?

- Não muita coisa. Não tinha esse tipo de aula que nem aqui, aqui fazemos muito alongamento e aprendemos sobre saúde do corpo, por exemplo; lá não tinha esse tipo de coisa. Não levei muita coisa.

- Nem da prática?

- Da prática só a experiência com vôlei, no máximo. Lá tinha quadra muito boa de vôlei e a gente sempre jogava, e só.

- Então, você não tirou ensinamentos da prática de Educação Física pra você, pra sua vida?

- Não.

- Como você vê a Educação Física que você tem hoje aqui no Pedro II em contraste com a Educação Física que você teve nessas outras escolas?

- Na verdade, ela foi tudo pra mim. Acho que foi a primeira Educação Física que eu tive de verdade, concreta, na qual eu aprendi muita coisa, aprendi sobre minha saúde física, sobre tipos de relaxamento, tanto mental quanto físico; foi só aqui mesmo que eu levei (aprendizados) pra frente, essa Educação Física.

- E quais os aprendizados que você tem tirado dessa Educação Física aqui no Pedro II? O que você absorveu, o que você leva com você?

- Principalmente a Educação Física “mental”, porque tem vezes que a professora faz relaxamentos, e isso ajuda muito na saúde mental e para o corpo, e acho que isso é uma das coisas mais essenciais pra mim.

- Para você, afinal, o que é Educação Física, principalmente a escolar? Qual a sua concepção de Educação Física?

- Eu acho que é você ter saúde tanto do corpo quanto da mente, também. Eu acho que isso é fundamental na vida de uma pessoa, e a Educação Física consegue proporcionar isso pra gente; um momento de paz, de descontração, de tranquilidade.

- Essa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, você percebeu mudanças ao longo do tempo? Positivas, negativas?

- Sim, muitas. Hoje a gente tem aulas muito mais práticas, com a professora mais envolvida com a gente. Evoluiu muito, ela tem muito mais contato com a gente, ela consegue ver o que o aluno está precisando, antes não tinha isso e hoje tem.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria de saber se você percebeu impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta da Educação Física Escolar. Você recebeu esses impactos diretamente, indiretamente, de forma positiva, negativa, em suma, influenciou muito na prática que você tem aqui hoje de Educação Física?

- Aqui ainda não houve mudanças, mas eu tenho quase certeza que, se mudar, os impactos vão ser bastante negativos, porque a Educação Física é essencial na vida de uma pessoa, nos proporciona uma saúde mental muito boa, quanto temos aula de relaxamento por exemplo, e isso ajuda muito no nosso ensino, então se (a Educação Física) for tirada, o aluno não irá ter um momento de descontração, e isso pode afetar muito a saúde dele.

Sara (3º ano)

- Há quanto tempo você está nessa escola?

- 7º ano, desde 2013.

- Você estudou em outras escolas antes de vir pra cá?

- Sim, eu estudei em uma escola pública estadual que se chama Cesáreo Alvim, e eu pude perceber que mudou bastante, porque tanto a estrutura da escola quanto a didática que os professores proporcionam pra gente é divergente, porque lá é o que

a gente sempre ouviu falar sobre Educação Física, né: o professor entrega a bola e a gente fica lá. E aqui é totalmente diferente, porque como não tem quadra esportiva e é um patrimônio histórico, a gente tinha que pegar outros lados da Educação Física que na verdade são muito importantes de estar trabalhando, como ginástica, alongamento, e etc.

- Como você vê a Educação Física que você tem hoje aqui no Pedro II em contraste com a Educação Física que você teve nessas outras escolas? Você acha que é melhor?

- Sim, muito melhor. Lá você tinha um padrão que qualquer escola tem. Era uma coisa que acabava que não agregava nada na vida pessoal ou até na escola, didaticamente falando. Aqui não, você pode levar tantas coisas pra sua vida, como também pode estar aplicando (o conhecimento) aqui na escola mesmo. Então, melhorou mil vezes.

- O que você praticava, especificamente, nas outras escolas que você não pratica aqui, e vice-versa?

- Aqui não tem quadra esportiva, então normalmente esportes com bola não é viável para o ambiente aqui. Mas a gente tem outras atividades que usam a bola, mas não necessariamente o futebol, queimada ou algo do tipo, e na outra escola era só isso. Em raras ocasiões, tínhamos, uma vez ao ano, atividades de ginástica, mas a preparação que eu tinha lá era por conta própria. Se a pessoa quisesse buscar algo com aquilo, bem, senão, davam uma bola pra gente pra desenvolver uma atividade qualquer de correr. Realmente, era mais esportes com bola; os meninos ficavam com o futebol, algumas meninas também iam, e a maioria das meninas ficavam com a queimada ou algo do tipo, ou ficavam à toa mesmo e, aqui, é totalmente diferente.

- Para você, afinal, o que é Educação Física, principalmente a escolar? Qual a sua concepção de Educação Física?

- É uma coisa que vai estar afetando diretamente o seu estado físico e psicológico de forma positiva, e isso acaba influenciando em outras áreas. Mas Educação Física, enquanto matéria, eu acho que é onde a gente tem liberdade de aprender mais sobre o nosso corpo e sobre nosso psicológico; é onde a gente consegue abordar essas áreas e podemos descobrir coisas que a gente talvez não sabia que conseguia fazer, e agora a gente descobriu que conseguia devido às aulas que são proporcionadas aqui.

- Nessa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, quais os aprendizados que você tem tirado dessa Educação Física aqui no Pedro II? O que você absorveu, o que você leva com você?

- Eu acho que é uma coisa essencial, acho que toda escola deveria ter uma Educação Física assim, porque, como eu disse, você não está somente fazendo uma prova pra passar de ano e acabou, é uma coisa que você vai estar agregando para si mesmo, e você pode levar isso pra sua vida. Por exemplo, nas aulas de relaxamento, se você está muito estressado, mesmo fora da escola, ao término do ano letivo, você vai saber como parar e falar: “Não, eu preciso ter um tempo de relaxamento, porque eu aprendi que isso é necessário para mim.” ou “eu estou sentindo que eu preciso exercitar meu corpo porque senão vou perder coisas que adquirir”, como flexibilidade ou algo do tipo. Então, acho que isso (essa Educação Física) agrega muito porque você vai estar levando isso pra sua vida e sabendo aplicar melhor.

- Essa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, você percebeu mudanças ao longo do tempo? Positivas, negativas?

- Mudanças sempre têm. Eu vejo que aqui eles sempre estão em busca de melhorar as aulas, sempre estão procurando proporcionar a melhor aula de Educação Física para o aluno; sempre procurando buscar novas coisas, novas didáticas, novas formas de mostrar pra você uma nova visão da Educação Física, e isso é muito interessante.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria de saber se você percebeu impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta da Educação Física Escolar. Você recebeu esses impactos diretamente, indiretamente, de forma positiva, negativa, em suma, influenciou muito na prática que você tem aqui hoje de Educação Física?

- No momento, como não foi implantado o novo Ensino Médio no 3º ano, eu não consigo perceber esse impacto no meu dia a dia. Mas eu consigo ver que, como futuramente é provável que vigore em todo o Ensino Médio, vai estar impactando negativamente, obviamente; porque se você tem a opção de escolher não fazer Educação Física, você vai estar perdendo uma grande oportunidade de mudança que você pode fazer na sua vida positivamente, então você vai estar perdendo uma oportunidade de conhecer mais você mesmo, o seu corpo, o seu psicológico, e eu

acho que é bem difícil você saber disso lá fora. É muito ruim você perder isso, é uma coisa que deveria ser essencial e que deveria ser assim em todas as escolas.

Arthur (3º ano)

- Há quanto tempo você está nessa escola?

- 8º ano, desde 2013.

- Você estudou em outras escolas antes de vir pra cá?

Sim.

- Como era a Educação Física nas outras escolas que você estudou? O que você praticava?

- Era uma Educação Física “padrão”, aquela que o professor chega, dá o instrumento, como por exemplo a bola para o futebol, e deixava o povo fazer. E aqui, mudou. Aqui tem que fazer práticas como a ginástica, dança e outros tipos de esportes.

- E quais os aprendizados que você tirou dessa Educação Física, para além das práticas? O que você absorveu, o que você levou com você? Ou não?

- Eu não pude aproveitar muita coisa do meu segundo ano por causa do meu joelho, mas acho que o que eu levei foi prática de saúde, mesmo, para a vida, como fazer mais exercícios, enxergar minhas limitações físicas, e etc. E aqui eu pude deixar a parte física um pouco mais de lado e ver mais o lado psicológico, nossa saúde mental, saúde física também, como por exemplo a professora trabalhar com a gente questões de esportes mentais, aulas de relaxamento e etc.

- Como você vê a Educação Física que você tem hoje aqui no Pedro II em contraste com a Educação Física que você teve nessas outras escolas?

- Não poder trabalhar com esportes com bola. Porque eu acho que o que todo jovem quer é praticar esportes com bola, e chegar aqui e não ter foi bem frustrante, mas eu soube me adaptar bem, porque como são coisas que eu nunca tinha trabalhado, como as ginásticas e as danças, me fizeram muito bem, e me fizeram conhecer outras práticas também.

- Nessa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, quais os aprendizados que você tem tirado dessa Educação Física aqui no Pedro II? O que você absorveu, o que você leva com você?

- Eu levo pro meu dia a dia. Eu gosto muito de praticar esportes, sou uma pessoa muito ativa e centrada na parte física. Então, alongamentos que eu não sabia, por exemplo, estudos sobre o corpo, e etc.

- Para você, afinal, o que é Educação Física, principalmente a escolar? Qual a sua concepção de Educação Física?

- É ensinar o aluno ir além da sua capacidade física, e fazer o aluno a praticar esportes. Hoje muitos jovens não praticam, não saem de casa, ficam muito no videogame e computador, e aí a Educação Física na escola ajuda esses jovens a praticar esportes, a gostar de esportes e ter uma vida mais ativa, menos sedentária.

- Essa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, você percebeu mudanças ao longo do tempo? Positivas, negativas?

- Sim, do (ensino) fundamental pro (ensino) médio tem muita diferença. No fundamental é muito teórico, ficávamos mais na sala de aula e etc. No médio é uma Educação Física mais prática, que além da parte de você ter que estudar o esporte, você tem que colocar em prática os elementos e tudo que você estudou.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria de saber se você percebeu impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta da Educação Física Escolar. Você recebeu esses impactos diretamente, indiretamente, de forma positiva, negativa, em suma, influenciou muito na prática que você tem aqui hoje de Educação Física?

- Sim e não. Porque esse novo Ensino Médio que quer propor os alunos escolherem as coisas que eles querem fazer pode ser gratificante, por conta do aluno que gosta de fazer Educação Física poder fazer porque gosta mesmo, não vai ter aquele limite de que não vai fazer porque não gosta e etc, e não porque também não vai mostrar àqueles alunos que não gostam (da Educação Física) a oportunidade de conhecer o esporte, aqueles alunos que não podem praticar esportes no dia a dia também não vão poder praticar esportes na escola, porque não vão conhecer a Educação Física.

Larissa (3º ano)

- Há quanto tempo você está nessa escola?

- 1º ano, desde 2016.

- Você teve Educação Física em outras escolas? Como era a Educação Física nas outras escolas que você estudou?

- Eu estudava no Instituto de Educação, e lá tem muitas quadras. O momento que eu realmente tive Educação Física foi no 9º ano, eu tive um professor que realmente passava os fundamentos dos jogos que a gente jogava. Nos anos anteriores, a Educação Física era mais um lazer, e o que mais a gente quisesse praticar na quadra.

- Quais as práticas que, especificamente, você tinha nessa escola?

- Era uma rotatividade de atividades: no primeiro bimestre, a gente aprendeu o vôlei. Ele ensinou os fundamentos do vôlei, a posição da perna para receber a bola, para dar um passe, como realizar uma cortada. No segundo bimestre era basquete, que eu particularmente achei muito interessante, e depois handebol e futsal. Era muito divertido, porque geralmente as pessoas jogam mais futebol, e então foi uma oportunidade muito ampla de aprender.

- E quais os aprendizados que você tirou dessa Educação Física, para além das práticas? O que você absorveu, o que você levou com você? Ou não?

- Eu levei um aprendizado mais do vôlei, porque eu já tinha jogado anteriormente e eu acho um esporte muito bonito de se jogar, então foi uma contribuição positiva, porque a gente aprender o posicionamento das pernas e etc, e aí o que era uma brincadeira virou um esporte um pouco mais sério, por podermos jogar melhor, e achei muito relevante; até porque meu irmão joga vôlei, não profissionalmente, mas joga, e nós dois ficamos brincando e, como ele joga melhor do que eu, deu uma evolução na nossa brincadeira, agora a gente realmente consegue jogar.

- E qual foi a Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II?

- Foi uma surpresa, porque é uma escola que não tem quadra, e a gente associa Educação Física com quadra e futebol. E aqui a gente chegou e ela (Cris) fez alongamentos, tivemos aula de zumba, e ela tem uma tríade muito boa que é “corpo, mente e alma”, porque ela ensina com muita vontade. Não é uma Educação Física comum, é uma Educação Física que a gente aprende, por exemplo, as ginásticas, que estamos tendo nesse bimestre. Eu nunca pensei que eu aprenderia isso em uma escola, sem incentivo do governo, é muito bom e interessante.

- Como você vê a Educação Física que você tem hoje aqui no Pedro II em contraste com a Educação Física que você teve nessas outras escolas?

- Quando a gente vai no Instituto, os professores geralmente não dão pra gente uma Educação Física mais corporal, eles dão uma Educação Física que o aluno consiga brincar, se divertir e se entreter. Aqui, é uma coisa que se a gente não fizer direito,

se a gente não aprende, a gente não consegue aplicar isso em prova, porque a Cris pede na prova o conteúdo que ela deu. Eu acho isso muito bom, porque, além de exercitar o corpo, também se exercita a alma, porque você trabalha muito com (a capacidade física) força, e é excelente descobrir o quanto você tem força. Por exemplo, no 1º ano tivemos luta, e eu não sabia que eu gostava tanto de luta, como eu vim a descobrir aqui. Ela até me chamou pra conversar e dizer que “Larissa, você deveria lutar, porque você tem características de uma lutadora”, e eu realmente lutei e gostei, e percebi que eu realmente sou uma pessoa muito forte, e era uma coisa que eu não esperava; nas outras escolas, por exemplo, só era uma coisa como “vamos correr, chutar uma bola...” e etc.

- Nessa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, quais os aprendizados que você tem tirado dessa Educação Física aqui? O que você absorveu, o que você leva com você?

- Eu tô levando o conhecimento que a Educação Física não é simplesmente chutar uma bola, e que os professores de Educação Física não sabem pouco; porque, às vezes, a gente tem essa percepção, já que a gente só chuta bola; é um conhecimento muito maior do que a gente imagina: é o conhecimento do corpo, é o conhecimento da mente, porque para você fazer Educação Física, você deve estar bem consigo mesmo, ou querer uma mudança. É uma coisa muito maior do que eu imaginava.

- Essa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, você percebeu mudanças ao longo do tempo? Positivas, negativas?

- Eu acho que, no 1º ano, quando eu entrei aqui, eu não achava que a turma não iria ser tão condizente; eu achei que o pessoal só iria fazer por fazer. Mas eu percebi que, aqui, o pessoal pega pra fazer mesmo. Por exemplo: quando tem uma aula avaliativa, mesmo que seja de dança, todo mundo dança, mesmo as pessoas que conversam a aula inteira. Tá legal que a gente conversa nas aulas, mas a gente se empenha. Eu nunca tinha visto um trabalho de grupo tão forte assim, e eu acho isso positivo. De pontos negativos, acho que tem muita gente que tem medo de fazer, mas é só medo de tentar algo novo, e eu acho que é bom a gente se deparar com situações assim, até porque a vida vai ter muitas situações assim.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria de saber se você percebeu impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta da Educação Física Escolar. Você recebeu esses impactos diretamente, indiretamente, de forma positiva,

negativa, em suma, influenciou muito na prática que você tem aqui hoje de Educação Física?

- Eu, diretamente, não vou sentir esse impacto, pois é meu último ano nessa escola. Mas quem, por exemplo, está no primeiro ano e vai continuar na escola, deve sentir sim, porque é importante o ter incentivo do governo, e a gente sabe que hoje em dia não podemos fazer nada sem dinheiro. Os professores de Educação Física precisam de dinheiro também, precisam de incentivo, não só monetário, mas do aluno também. Quando o aluno também não retorna com incentivo, talvez perca um pouco, porque o governo cortou o incentivo à educação, ainda mais Educação Física e áreas como Sociologia e Filosofia. É muito ruim, porque às vezes é na escola que a gente tem um primeiro contato com algo maior; eu não estou dizendo que vou sair daqui uma ginasta, mas às vezes me dá uma sementinha, que me impulsiona ir atrás disso lá fora. Quando se corta isso, não tem mais infraestrutura para ter tal aula assim. Aqui a gente tem o prazer de conhecer, mas e as escolas que não têm o prazer de conhecer? É uma coisa muito complexa, porque a gente não valoriza muito as coisas que a gente tem, e quando a gente perde que colocamos em cheque que o que está acontecendo pode me fazer falta. Eu acho que a Cris ficou muito abalada com isso, porque ela é minha professora, mas eu acho que não tenho colocado à prova o trabalho dela. Eu vejo nela uma paixão; ela gosta de fazer isso, ela gosta de mostrar para o aluno a arte da Educação Física. Então, acho que não mudou muito as aulas dela, mas não sei quanto aos outros professores.

- Sara (3º ano)

- Há quanto tempo você está nessa escola?

- Desde o 6º ano, entrei em 2011.

- Você estudou em outras escolas antes de vir pra cá?

- Estudei no IEMG, apenas.

- Você teve Educação Física nessa escola?

- Pode-se dizer que sim, né? Era mais esportes com bola. Educação Física era jogar queimada, correr, pique-pega, e etc. Eram brincadeiras de criança, eu nunca tive de fato uma Educação Física, que nem eu tenho aqui.

- Você diz da metodologia do professor, ou da professora?

- Sim, também. Lá eu só fui até ao 5º ano, então muitas das aulas só envolviam brincadeiras. Aqui, a partir de quando eu entrei, já envolvia um material mais teórico.

Por exemplo: ao trabalhar com as Ginásticas num bimestre, isso envolve toda uma teoria antes de se trabalhar com a prática, de como fazer os movimentos, com o quê que elas (as ginastas) trabalham, e como elas trabalham.

- E quais os aprendizados que você tirou dessa Educação Física da outra escola, para além das práticas? O que você absorveu, o que você levou com você? Ou não?

- Lá eu não aprendi muita coisa, porque como eram só brincadeiras, a gente levava na brincadeira. Aqui, não, aqui já é uma coisa mais séria. Aqui, a gente aprende a valorizar o nosso corpo, a nossa saúde; a gente aprende o que realmente é importante pro nosso corpo. Aqui, a gente tem que manter uma certa atividade, porque se não o nosso corpo e mente não funcionam direito. Então, tudo tem que trabalhar em conjunto.

- E qual foi a Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II?

- Aqui, a gente aprende muito com o material teórico antes de realizar a prática. Isso eu acho muito legal, porque descobrir, por exemplo, de onde vem as ginásticas, como se realiza tal movimento, é muito bacana. E não é só no ensino médio; no ensino fundamental, que foi quando eu entrei aqui, também era assim. Os professores pegavam pesado tanto com o material teórico quanto o prático.

- Como você vê a Educação Física que você tem hoje aqui no Pedro II em contraste com a Educação Física que você teve nessas outras escolas?

- É um contraste gigantesco! Acho que depende muito também, pois aqui sempre foi uma escola diferenciada, acho que isso influencia também. Os alunos aqui a partir do 6º ano já aprendem o conteúdo, mesmo não querendo.

- Essa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, você percebeu mudanças ao longo do tempo? Positivas, negativas?

- Sim. De negativo considero que tivemos muitas trocas de professoras ao longo das séries, e isso atrapalhou um pouco. A metodologia das professoras são diferentes, e ficamos um pouco confusos com isso. Do ensino médio pra cá é só com a Cris, então nos acostumamos com a metodologia e o jeito dela de fazer as coisas.

- Para você, afinal, o que é Educação Física, principalmente a escolar? Qual a sua concepção de Educação Física?

- A Cris ajudou muito os alunos dela a pensarem sobre o porquê da Educação Física e o que é a Educação Física. Para mim, é muita coisa: envolve o corpo e a mente, e os dois têm que trabalhar em conjunto. Se o seu corpo não está bem, a sua mente

não irá trabalhar bem. A Educação Física na escola serve para isso: ela ajuda o seu corpo a trabalhar com a sua mente. Às vezes temos aula de relaxamento, mas é proposital, para que você possa relaxar a sua mente e o seu corpo. Se os dois não trabalharem em conjunto, não funciona.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria de saber se você percebeu impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta da Educação Física Escolar. Você recebeu esses impactos diretamente, indiretamente, de forma positiva, negativa, em suma, influenciou muito na prática que você tem aqui hoje de Educação Física?

- Eu acho que não prejudica só a Educação Física, e sim todas as matérias. Na minha concepção, essa reforma irá prejudicar muito os alunos, porque, muitas vezes, o único momento que temos de distração e de diversão na semana é nas aulas de Educação Física, mesmo tendo conteúdo pra estudar. É algo diferente, é algo que a gente não tá lá metendo a cara nos livros, principalmente por ser ano de ENEM (para os terceiros anos). Se tirarem isso de nós, acho que teríamos vários alunos doentes mentalmente.

- Você gostaria de acrescentar mais alguma colocação, da sua vontade?

- Que nem eu te disse, eu sou uma aluna dedicada, mas não são todos que prestam atenção nas aulas. As Artes, por exemplo, muitos pensam que não serve para nada. Só que, se formos parar para analisar mais profundamente, precisamos dela mais do que imaginamos, assim como a Educação Física. Acho muito errado muitos alunos não estarem nem aí pra essas matérias, mas não acho que isso seja problema da escola, e sim dos alunos. Nossa escola nos dá muitas oportunidades, acho que temos um privilégio muito grande da Educação Física que temos aqui; podemos até não ter quadra, mas temos sala, temos um espaço interno, temos materiais que muitas escolas públicas sonham em ter. A gama de temáticas que podemos trabalhar com os materiais que temos aqui é gigantesca.

Gabriela (1º ano)

- Há quanto tempo você está nessa escola?

- Desde 2012, 6º ano do (ensino) fundamental.

- Você teve Educação Física em outras escolas? Como era a Educação Física nas outras escolas que você estudou?

- Tive, no IEMG, inclusive tive aula lá com a Cris. O Pedro II é muito diferente do IEMG; a gente sabe que é uma escola diferenciada em vários sentidos, e a Educação Física não é diferente. Eu saí de lá no 5º ano e estava lá desde o 1º, e eu tinha o mesmo professor pra várias matérias. Então, a mesma professora que me dava aula de português era, muitas vezes, a mesma que me dava aula de Educação Física, por muitas vezes não ter as aulas de Educação Física separado. Então, eu não aprendi muita coisa; fui começar a aprender, realmente, aqui no Pedro II, tanto a Educação Física quanto as outras matérias. Nos 6 anos que estudei no IEMG, me lembro só de uma professora de Educação Física que eu tive. Que eu me lembre, a gente brincava de queimada e etc, mas aula, realmente, nunca tive. Também tinha aula de natação, que não era realmente uma aula, nos levavam lá só pra descontrair, mesmo. Então, eu comecei a realmente ter aula de Educação Física só aqui.

- E quais os aprendizados que você tirou dessa Educação Física da outra escola, para além das práticas? O que você absorveu, o que você levou com você? Ou não?

- Infelizmente, nada. Não sei se porque eu era nova demais e não prestava atenção, mas eu realmente não me lembro de nada. Em questão de Educação Física, principalmente, não me lembro de nada, de ensino nenhum.

- Como você vê a Educação Física que você tem hoje aqui no Pedro II em contraste com a Educação Física que você teve nessas outras escolas?

- É muito diferente. Têm coisas que aprendi aqui que vou levar pra vida, principalmente sobre o fato de que a Educação Física não é só sobre o físico, também tem a ver com a nossa mentalidade: para estarmos bem, praticar um esporte bem ou fazer bem qualquer outra coisa na nossa vida, nossa cabeça também precisa estar 'bem'. Tive duas professoras que me marcaram: A Ana Paula, no meu 6º ano, e a Cris, que também foi professora da minha irmã, e as duas me ensinaram muitas coisas em relação a isso. Eu vim pra cá no 1º ano e já aprendi a jogar xadrez, aprendi sobre danças, taekwondo, ginástica rítmica, capoeira, também questões sobre a física da coisa e tantas questões históricas também. Mas o que vou levar pra vida é, realmente, essa questão da mentalidade. Realmente me marcou, ficamos muito tempo estudando sobre isso, pois é muito importante que a nossa cabeça esteja bem e atualmente percebo isso mais.

- Essa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, você percebeu mudanças ao longo do tempo? Positivas, negativas?

- No 6º e 7º anos, a gente tinha mais eram brincadeiras, só pra relaxar, apesar da gente ter pegado coisas mais sobre história, como a história da capoeira que vimos. Era mais básico mesmo, a gente estava aprendendo mais sobre trabalho em grupo, exercícios só pra descontrair, porque eram muito difíceis de se fazer, e um pouco sobre mentalidade. Quando passamos pro 8º e 9º anos, a gente começou a aprender mais sobre a história das coisas, e mais sobre mentalidade, principalmente. Acho que essa escola aqui é diferente por causa disso, porque ela não pensa só sobre o estudo do aluno, mas também pensa se o aluno está bem, sobre saúde mental. Agora que cheguei no 1º, eu dei uma assustada, porque a Cris já tinha fama de “sargento”, por ser muito brava. Tá muito difícil agora, no momento estou aprendendo sobre Ginástica Rítmica e os movimentos são muito difíceis, coisas que as pessoas demoram anos pra aprender, mas eu espero que dê tudo certo. Agora, também, estamos vendo mais sobre o corpo humano, e não só sobre esportes e etc.

- Para você, afinal, o que é Educação Física, principalmente a escolar? Qual a sua concepção de Educação Física?

- Acho que seria a gente aprender tanto sobre o físico, ou seja, aprender a cuidar do nosso corpo, quanto também aprender a cuidar da nossa mentalidade. Que nem eu te disse, eu aprendi bastante sobre isso, então eu acho que é pra você aprender a cuidar de você dos dois jeitos, tanto corporalmente quanto mentalmente.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria de saber se você percebeu impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta da Educação Física Escolar. Você recebeu esses impactos diretamente, indiretamente, de forma positiva, negativa, em suma, influenciou muito na prática que você tem aqui hoje de Educação Física?

- Que nem eu te disse, a Cris é uma professora muito brava; mas, no começo do ano, a gente estava tão cansado que não estávamos conseguindo ter as aulas de Educação Física de verdade. Então, a professora começou a passar aulas de relaxamento pra gente, por estarmos muito estressados. Agora que estamos acostumando, agora ela está retomando as aulas e estamos fazendo coisa séria. Mas interferiu bastante, principalmente na Educação Física, pois a Educação Física, para além da aula de Artes, era o momento que a gente tinha pra descontrair. Agora

que a gente fica o tempo todo na escola, pois quando chegamos em casa já temos muitos para-casas a fazer, a gente não tem tempo para estarmos cuidando da nossa saúde, tanto física quanto mental.

Bernardo (1º ano)

- Há quanto tempo você está nessa escola?

- Há 8 meses (*desde fevereiro*).

- Você teve Educação Física em outras escolas? Como era a Educação Física nas outras escolas que você estudou?

- Eu vim da Barão de Macaúbas, e lá minha professora gostava muito de dar um esporte a cada mês. Por exemplo, em junho ela dava futebol e em agosto dava basquete. Também dava esportes de alongamento, que nem a gente tem aqui.

- E quais os aprendizados que você tirou dessa Educação Física da outra escola, para além das práticas? O que você absorveu, o que você levou com você? Ou não?

- A professora mandava fazer trabalhos sobre saúde, para escrita e apresentação. Aprendi que esportes fazem muito bem à saúde e para a mente.

- Como você vê a Educação Física que você tem hoje aqui no Pedro II em contraste com a Educação Física que você teve nessas outras escolas?

- A diferença é que na Educação Física de lá, a gente tinha mais esportes coletivos, e a Educação Física daqui faz bem pra saúde e pra mente, principalmente porque a gente alonga e ficamos mais relaxados. Também temos atividades aqui que requerem uma dupla.

- Essa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, você percebeu mudanças ao longo do tempo? Positivas, negativas?

- Sim, mudanças positivas. A gente vai percebendo que a Educação Física faz muito bem pra saúde, e é isso.

- Para você, afinal, o que é Educação Física, principalmente a escolar? Qual a sua concepção de Educação Física?

- É uma matéria; uma disciplina na escola, somente.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria de saber se você percebeu impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta da Educação Física Escolar. Você recebeu esses impactos diretamente, indiretamente, de forma positiva,

negativa, em suma, influenciou muito na prática que você tem aqui hoje de Educação Física?

- Não percebi.

Ítalo (1º ano)

- Há quanto tempo você está nessa escola?

- Há 8 meses (*desde fevereiro*).

- Você teve Educação Física em outras escolas? Como era a Educação Física nas outras escolas que você estudou?

- Eu vim da Escola Municipal Belo Horizonte, e lá tínhamos atletismo, campeonato de handball e futebol, aulas de basquete, tinha tudo.

- Você diz para além dos esportes coletivos? Você tinha atletismo e o que mais? Variados conteúdos?

- Sim, tinha tudo mesmo.

- E quais os aprendizados que você tirou dessa Educação Física da outra escola, para além das práticas? O que você absorveu, o que você levou com você? Ou não?

- Trabalhei muito, acho que isso é importante. E achei legal.

- Como você vê a Educação Física que você tem hoje aqui no Pedro II em contraste com a Educação Física que você teve nessas outras escolas?

- Como aqui não tem quadra, é bem diferente. Lá tinha mais coisas a fazer, qualquer coisa podíamos improvisar. Aqui, temos a ginástica, que também é boa para o corpo. Acho que a desvantagem da escola é que não tem quadra.

- Para você, afinal, o que é Educação Física, principalmente a escolar? Qual a sua concepção de Educação Física?

- É um pouco de distração e é bom também porque tem aula que é matéria e tenho que ficar muito focado. Ela (*a Educação Física*) é mais pra relaxar.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria de saber se você percebeu impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta da Educação Física Escolar. Você recebeu esses impactos diretamente, indiretamente, de forma positiva, negativa, em suma, influenciou muito na prática que você tem aqui hoje de Educação Física?

- Não.

Giovana (1º ano)

- Há quanto tempo você está nessa escola?

- Há uns 9 meses.

- Você teve Educação Física em outras escolas? Como era a Educação Física nas outras escolas que você estudou?

- Sim, só que eram coisas mais superficiais, não era Educação Física mesmo. A professora dava mais aulas livres e a gente pulava corda, brincava de futebol, basquete e etc, mas sem uma ordem vinda de um professor mesmo, eram mais aulas livres.

- E quais os aprendizados que você tirou dessa Educação Física da outra escola, para além das práticas? O que você absorveu, o que você levou com você? Ou não?

- Eu acho que não levei nada, porque era tudo muito espontâneo, e quando não temos muita maturidade, não focamos muito nessas coisas. Era uma coisa mais pra diversão mesmo, não era nada com a questão da aprendizagem.

- Como você vê a Educação Física que você tem hoje aqui no Pedro II em contraste com a Educação Física que você teve nessas outras escolas?

- A Educação Física daqui tem muito mais produtividade, porque a professora não deixa a gente fazer o que a gente quiser. Ela impõe uma ordem, que deve ser obedecida, e também impõe regras. Eu acho que isso é muito importante pra gente aprender desde agora, porque temos que levar isso pra vida inteira. Então, a gente saber se comportar em grupo, saber seguir regras e tudo mais é muito importante. Na minha outra escola, a gente não tinha esses limites, então a gente fazia o que a gente quisesse. Aqui eu acho mais interessante, porque a gente aprende a trabalhar em grupo, temos que respeitar a opinião dos outros, temos que optar pelo que seja melhor pra todo mundo. Então, eu acho que a relevância do Pedro II está em o nosso aprendizado não ficar só na aula, mas também em levar pra vida inteira, como aprendizado.

- Para você, afinal, o que é Educação Física, principalmente a escolar? Qual a sua concepção de Educação Física?

- Significa saúde, lazer, diversão, distração. É um momento que você aprende realmente a trabalhar as capacidades do seu corpo, em que você também testa suas capacidades. Isso é muito bom para a nossa saúde, pois o que mais temos atualmente são jovens sedentários. Então, acho que a Educação Física é uma aula

muito importante que não deveria faltar nunca, em nenhuma escola, pois é o momento que temos para colocar o corpo para trabalhar.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria de saber se você percebeu impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta da Educação Física Escolar. Você recebeu esses impactos diretamente, indiretamente, de forma positiva, negativa, em suma, influenciou muito na prática que você tem aqui hoje de Educação Física?

- Acho que não teve nenhuma mudança significativa, pois as propostas de aula estão sendo as mesmas, a gente está seguindo o mesmo padrão de aula. Então, acho que isso não tem nada a ver, acho que isso é mais uma questão de fora, acho que não interferiu nada nas aulas.

Gabriel (2º ano)

- Há quanto tempo você está nessa escola?

- Eu entrei aqui esse ano. Antes, eu estudava no SESI, perto do CEFET. Minha mãe queria uma escola pública, e aqui era uma escola de muito boa qualidade, então eu vim pra cá.

- Você teve Educação Física em outras escolas? Como era a Educação Física nas outras escolas que você estudou?

- Eu estudei em duas escolas antes de vir pra cá. A primeira delas era uma pública de bairro. Era sempre uma bola de futebol e uma de vôlei, eles davam essas bolas pra gente e a gente jogava o que a gente queria. Quando eu fui pra segunda escola, acho que pelo fato de ser particular tinha uma diferença, a gente todo semestre trabalhava uma modalidade diferente. Lá também tinha um espaço muito grande, então a gente tinha esgrima, natação, tínhamos esportes adaptados para deficientes, e etc. Era interessante.

- Como você vê a Educação Física que você tinha na primeira escola em que estudou em contraste com a Educação Física que você teve nessa segunda escola?

- É muito diferente. Na segunda, eu realmente aprendi sobre os esportes. Além da gente fazer a parte prática, eles explicavam matéria, as regras, a formação, era muito interessante. Na primeira escola, às vezes a gente nem jogava. No SESI, eles davam ponto de participação por aula, e tudo.

- E quais os aprendizados que você tirou dessa Educação Física do SESI, para além das práticas? O que você absorveu, o que você levou com você? Ou não?

- Muita coisa: trabalho em equipe, exercício de liderança, porque cada jogo era um capitão diferente; trabalhávamos muito também a questão afetiva, éramos muito unidos.

- Como você vê a Educação Física que você tem hoje aqui no Pedro II em contraste com a Educação Física que você teve nessas outras escolas?

- Digamos que eu era de uma escola pública, que não tinha nenhuma base de Educação Física, e depois fui pra uma outra que era muito boa, e depois entrei de novo em uma pública, mas com um embasamento totalmente diferente da primeira que eu tinha entrado. Eu prefiro a daqui do que a do SESI. Lá, a gente tinha muitos recursos, tinha muita bola e o espaço era imenso, mas aqui, sei lá, tem umas aulas muito boas, como as de ginástica, com o uso dos equipamentos. Tem aula de relaxamento, que é muito boa também. Aqui é pública, mas é como se fosse uma particular. Tenho certeza que se aqui tivesse uma quadra, essa escola ia ser massa demais.

- Para você, afinal, o que é Educação Física, principalmente a escolar? Qual a sua concepção de Educação Física?

- Acho que além da gente trabalhar o nosso físico e o nosso bem estar, acho que a gente aprende muito sobre os outros esportes. Se a gente não tivesse Educação Física, tenho certeza que pra gente ia existir só o futebol. Pra minha família, por exemplo, é só futebol, ninguém liga pra vôlei, nem nada. Com a escola, a gente aprende sobre os outros esportes, aprendemos sobre muita coisa.

- Essa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, você percebeu mudanças ao longo do tempo? Positivas, negativas?

- Sim, positivas. A Educação Física me fez interagir muito mais com as outras pessoas, nas atividades que se precisa de outra pessoa pra fazer.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria de saber se você percebeu impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta da Educação Física Escolar. Você recebeu esses impactos diretamente, indiretamente, de forma positiva, negativa, em suma, influenciou muito na prática que você tem aqui hoje de Educação Física?

- Eu não senti nada não. Na verdade eu nem sei se já entrou em vigor aqui, porque por enquanto a gente continua fazendo a grade normal. Então, não senti nada.

Gabriel (2º ano)

- Há quanto tempo você está nessa escola?

- no 6º ano, desde 2012.

- Você teve Educação Física em outras escolas? Como era a Educação Física nas outras escolas que você estudou?

- Sim. Eu praticava futebol, queimada, e só; normal.

- E quais os aprendizados que você tirou dessa Educação Física da outra escola, para além das práticas? O que você absorveu, o que você levou com você? Ou não?

- Nada, porque a gente só ficava lá pra nos divertirmos, mesmo. Não aprendemos nada de interessante.

- Como você vê a Educação Física que você tem hoje aqui no Pedro II em contraste com a Educação Física que você teve nessas outras escolas?

- Aqui é bem diferente. Quando eu cheguei aqui, no 6º ano, eu já vi que era diferente. Eu não gostava, porque não tinha futebol, não tinha queimada, e as aulas eram dentro de sala, fazendo atividades relacionadas à matéria, mesmo. Achei bem diferente, mesmo. E tudo sobre artes e ginástica, estamos aprendendo.

- Para você, afinal, o que é Educação Física, principalmente a escolar? Qual a sua concepção de Educação Física?

- Pra mim, sempre foi o futebol, né. Mas agora, eu vejo que a Educação Física é uma matéria. Tem a teoria, tem a prática, tem tudo.

- Essa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, você percebeu mudanças ao longo do tempo? Positivas, negativas?

- Sim. Cada ano é uma matéria diferente, e mais difícil, né. A matéria é aprimorada, não podemos ver ela como víamos no 6º ano. Cada ano a matéria é maior, e mais difícil.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria de saber se você percebeu impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta da Educação Física Escolar. Você recebeu esses impactos diretamente, indiretamente, de forma positiva, negativa, em suma, influenciou muito na prática que você tem aqui hoje de Educação Física?

- Não estou sabendo disso. Não senti nada. Acredito que continue a mesma dinâmica.

Vitória (2º ano)

- Há quanto tempo você está nessa escola?

- no 6º ano, desde 2012.

- Você teve Educação Física em outras escolas? Como era a Educação Física nas outras escolas que você estudou?

- A Educação Física daqui é completamente diferente da experiência que eu tive mais nova, né. Todas as escolas que eu estudei sempre tinham quadra, mas aqui é diferente. O professor levava a gente pra quadra e soltava a galera. Uns jogavam futebol, outros jogavam outra coisa de bola. Mas, nunca tive matéria mesmo, que nem aqui, que tem teoria. Era sempre uma brincadeira que a gente mesmo fazia entre nós.

- E quais os aprendizados que você tirou dessa Educação Física da outra escola, para além das práticas? O que você absorveu, o que você levou com você? Ou não?

- Eu descobri muita coisa aqui no Pedro II com a Educação Física, desde que eu entrei aqui. Eu sempre achei aqui diferente, e aprendi muita coisa. Eu aprendi que a Educação Física não é só você chegar e brincar, tem muita coisa por trás disso. A gente trabalhou até o psicológico, mesmo. A professora trabalhou a mente e o corpo com a gente, e eu acho que isso é muito importante. Eu até pensei em fazer Educação Física, porque eu me interessei de verdade. Esses aprendizados eu não tive nas outras escolas, foi mais aqui no Pedro II.

- Aprofundando mais um pouco, como você vê a Educação Física que você tem hoje aqui no Pedro II em contraste com a Educação Física que você teve nessas outras escolas?

- É bastante diferente, você entrar em uma escola que tem quadra e aqui não ter. Porque aqui, a gente não pode expandir muita coisa, né. A gente não pode ir lá pra fora com bola, e tudo mais. Mas, o lado bom, é que a gente aprende muita coisa que a gente nem imaginava. Quando a professora passa a matéria, a gente vai pensando: “Nossa, mas isso entra em Educação Física?” E quando você vai ver, é muito mais coisa do que você imaginava. Vai muito mais além do que você brincar de bola e jogar futebol, é muito mais que isso.

- Para você, afinal, o que é Educação Física, principalmente a escolar? Qual a sua concepção de Educação Física?

- Eu posso dizer que a Educação Física já me ajudou muito. Eu gosto muito dessa coisa da gente trabalhar o nosso psicológico, como a gente lida com cada coisa, e a Educação Física me trouxe para esse lado. Eu queria fazer Educação Física, e hoje eu mudei pra Psicologia. Mas eu posso dizer que, de início, foi a Educação Física que me colocou nesse lugar. É muito bom você descobrir coisas novas, e eu descobri isso com a Educação Física.

- Essa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, você percebeu mudanças ao longo do tempo? Positivas, negativas?

- Não percebi muito, porque desde quando a gente entra aqui, é sempre a mesma coisa. Eles preparam a gente desde o Ensino Fundamental. É a prática, a teoria, já ensinando os conceitos da Educação Física; então, para mim, não teve muita diferença, não.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria de saber se você percebeu impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta da Educação Física Escolar. Você recebeu esses impactos diretamente, indiretamente, de forma positiva, negativa, em suma, influenciou muito na prática que você tem aqui hoje de Educação Física?

- Eu posso dizer que sim, pela Cris. Quando eles estavam conversando sobre isso, ela sempre falava com a gente o quanto isso ia mudar a vida dela. E eu, pelo menos, parei pra pensar o quanto é complicado. E realmente causou um impacto, sim, pra todo mundo; não só na Educação Física, mas em todas as matérias. Eu acredito que pra quem dá aula de Educação Física e gosta disso mesmo, eu acho que causou um impacto bem forte. Mas o rendimento das aulas, os conteúdos e a forma que ela passa, continuam a mesma coisa.

Mariana (2º ano)

- Há quanto tempo você está nessa escola?

- Desde 2012, desde o 7º ano.

- Você teve Educação Física em outras escolas? Como era a Educação Física nas outras escolas que você estudou?

- Tinha, quando eu era pequena e estudava em escolas particulares. Eram mais atividades, mesmo; basicamente iguais as daqui. Quando eu estudei em escolas

públicas, era mais futebol e etc., e a gente ficava sem nada pra fazer. Eram mais aulas livres.

- O que você praticava nessas aulas dessa Educação Física?

- Quando eu tinha uns 12 anos, eu praticava peteca, vôlei (quando a gente pedia) ou corda. Quando eu era pequena, tinha atividades do tipo circuito, futebol (mas que integrava todo mundo); era sempre com todo mundo envolvido.

- E quais os aprendizados que você tirou dessa Educação Física da outra escola, para além das práticas? O que você absorveu, o que você levou com você? Ou não?

- Acho que sempre trabalhar em dupla e ter paciência, porque nem todo mundo tem o mesmo ritmo e tudo, e também procurar entender mais sobre Educação Física, porque a gente tem muito a ideia nas escolas que é só futebol, e assim acaba que muita gente não faz nada.

- Como você vê a Educação Física que você tem hoje aqui no Pedro II em contraste com a Educação Física que você teve nessas outras escolas?

- Eu acho que, aqui, eles procuram mais a inclusão e a participação de todo mundo. Aqui todo mundo é integrado, e são vários outros conteúdos, e não só sobre esportes com bola.

- Para você, afinal, o que é Educação Física, principalmente a escolar? Qual a sua concepção de Educação Física?

- Procurar conhecer seu corpo, até mesmo seus limites; aprender a, no dia-a-dia, como usar isso a seu favor; e também, se a pessoa gostar, procurar um esporte com bola, capoeira e essas outras coisas que envolvem.

- Essa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, você percebeu mudanças ao longo do tempo? Positivas, negativas?

- Sim. Eu tenho mais vontade de fazer, porque eu acho interessante a didática e etc., não ficar sempre num assunto só e procurar outros conhecimentos.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria de saber se você percebeu impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta da Educação Física Escolar. Você recebeu esses impactos diretamente, indiretamente, de forma positiva, negativa, em suma, influenciou muito na prática que você tem aqui hoje de Educação Física?

- Na proposta da Educação Física, não.

Raquel (2º ano)

- Há quanto tempo você está nessa escola?

- Desde 2016, desde o 9º ano.

- Você teve Educação Física em outras escolas? Como era a Educação Física nas outras escolas que você estudou?

- Tive, mas não era a Educação Física que nem a gente tem aqui. Era aquela Educação Física de “os meninos jogam bola e as meninas jogam vôlei ou pulam corda”. Era uma aula mais livre, menos elaborada.

- O que você praticava nessas aulas dessa Educação Física?

- O professor, na verdade, não dava uma aula, em si. Ele deixava as bolas de basquete, queimada e etc. lá, e quem queria pegava, quem não queria não pegava. Tinha também xadrez, pra quem não queria jogar nada. Era bem livre, mesmo. Você fazia o que queria, e se não fizesse nada estava tudo bem, também.

- E quais os aprendizados que você tirou dessa Educação Física da outra escola, para além das práticas? O que você absorveu, o que você levou com você? Ou não?

- Acho que, infelizmente, desse tipo de Educação Física eu não consegui tirar nenhum aprendizado concreto que eu pudesse levar pra minha vida, a não ser as questões práticas, como jogar queimada, handbol, e essas coisas.

- Como você vê a Educação Física que você tem hoje aqui no Pedro II em contraste com a Educação Física que você teve nessas outras escolas?

- Nota-se que na Educação Física que a gente tem aqui no Pedro II existe uma elaboração, uma coisa organizada, tem toda uma distribuição das atividades que vão ser feitas em cada semana; e tudo isso era algo que não tinha lá. Lá, realmente, era uma bagunça. Aqui, a gente tem tanto a parte prática quanto a teórica, que é quando a professora para pra falar dos termos técnicos, nos explicar, e etc.

- Para você, afinal, o que é Educação Física, principalmente a escolar? Qual a sua concepção de Educação Física?

- Eu penso que a Educação Física, como tudo que envolve nosso corpo, tem que ser algo que traga saúde e o bem-estar. Tem que mexer tanto com os lados da nossa parte física como, por exemplo, nos ensinar a cuidarmos do nosso próprio corpo, quanto a parte psicológica porque, como a professora muitas vezes falou, mente e corpo estão ligados. Então, se um não está bem, o outro também não está.

- Essa Educação Física que você encontrou aqui no Pedro II, você percebeu mudanças ao longo do tempo? Positivas, negativas?

- Sim, positivas. Desde que eu comecei a fazer Educação Física aqui e conheci esse método que as professoras implementam, acho que aprendemos muito mais sobre coisas que temos a possibilidade de levarmos pra nossa vida; como por exemplo: trabalhar em grupo, em equipe, ouvir as opiniões dos outros, esperar o tempo do outro, e tudo o mais.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria de saber se você percebeu impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta da Educação Física Escolar. Você recebeu esses impactos diretamente, indiretamente, de forma positiva, negativa, em suma, influenciou muito na prática que você tem aqui hoje de Educação Física?

- A gente tem sorte de, aqui na escola, até mesmo por ela ser uma escola modelo, a Educação Física aqui ter muito mais espaço, se comparado com as outras [escolas]. Mas acho que essa nova proposta do ensino médio limita muito, porque vai dar mais visão pra outras matérias que já tinham visibilidade, em detrimento de outras que eles julgaram menos importantes, como essa, por exemplo.

Cristiane (Professora)

- Eu gostaria que você, primeiramente, contextualizasse historicamente as condições do surgimento do projeto “Educação Diferente”. Você fez sozinha? Fez em co-autoria com alguém? Teve referência de autores?

- Eu entrei em 2010, e eu não tinha em mente referências de autores. Eu entrei aqui com a missão de fazer uma Educação Física diferente, até porque já não tinham as quadras. Então, os responsáveis pela escola na época (equipe de direção e de supervisão) pediram isso: “nós precisamos de uma Educação Física diferente”. Foi até o termo que eles usaram na época, exatamente por causa da ausência das quadras. Então, já era um limitador pra nós; isso não poderia ser utilizado de forma alguma. A gente começou com essa dificuldade: a de pensar o que caberia dentro das condições da escola. As minhas primeiras ideias surgiram de algumas aulas que eu tive na Universidade, na Escola de Educação Física; aulas mais alternativas, que eu tive com professores que trabalhavam a Educação Física de forma mais alternativa, como na disciplina de Bioenergética, e aulas de sexualidade e afetividade. A gente trabalhava muito as questões afetivas dentro da escola, tinham

muitas dinâmicas que envolviam isso, como dinâmicas do 'abraço', da 'aproximação'. Então, primeiramente o projeto foi focado nessas duas práticas que eu tive na Universidade, e que eu fui construindo o espaço aqui. Porque, a gente não tinha nada, né; a gente entrou e não tinha nenhum material. Além de não ter quadra, não tinha material nenhum, tudo foi chegando depois. Então, as aulas foram mais focadas para essa questão do socioemocional, e das questões culturais da Educação Física também. Então fomos fazendo perguntas-problema contextualizando com elementos teóricos: o que era Educação Física? O que era o corpo dentro dessa Educação Física? Os alunos tiveram muitas aulas teóricas, envolvendo filosofia, sociologia. Não tínhamos autores muito da Educação Física, mas trabalhávamos com outros de outras áreas, e também tínhamos professores próprios da área que davam suporte e, em conjunto com os conhecimentos prévios que eu tinha, eu ia formulando as práticas. No 1º ano de trabalho aqui, as aulas eram bastante focadas na questão socioemocional. Das práticas corporais, começamos com o conteúdo de Danças, e isso é forte até hoje, pois o conteúdo que a gente mais trabalha aqui na escola hoje é o de Danças. Todos os anos trabalhamos com Danças, cada ano com um subconteúdo desta diferente. Só depois, passado um tempo da minha estadia aqui na escola, que eu tive acesso às metodologias [críticas] da Educação Física. Eu fiz minha graduação sem ter tido acesso a essa literatura. Fui conhecê-la quando eu entrei no PIBID, onde tive contato com o coordenador do projeto da época e quem me apresentou essa literatura, que até então eu não tive acesso a essa leitura. Eu só fui descobrir que eu era uma professora da linha crítica, renovadora, após ler o livro. Eu já tinha desenvolvido os trabalhos, que acabaram sendo direcionados para essa perspectiva (até mesmo por uma demanda da escola, de fazer um projeto diferente), e percebi que minha linha se encaixava com o movimento renovador da Educação Física. No 2º ano [de trabalho], a gente começou a dar as aulas sob um viés mais voltado para a área da saúde. Começamos a trabalhar com os conteúdos de Lutas, de Atletismo; a essa altura já tínhamos mais materiais, que estavam chegando. Já tínhamos bolas que, apesar de não serem trabalhadas no jogo, serviam para outras práticas, como as mais focadas para o condicionamento. Trabalhamos também com Nutrição, em 2011. Então, o projeto começou assim.

- Continuando, eu gostaria que você apresentasse as principais características do projeto que o diferenciam de outros conteúdos curriculares. Quais os

contrastes? Levando em conta o teor de diferenciação do projeto por conta das características e arquitetura do espaço.

- Eu acho que tem muito a cara de cada professor. Não é que o currículo do Pedro II seja um currículo diferenciado, ele tem o projeto que possibilitou ter disciplinas que são diferenciadas, mas que as outras escolas também têm a chance de terem. Não são disciplinas tão diferentes assim das demais. Já tivemos a oportunidade de, por exemplo, ter aula de gastronomia, mas acho que cada disciplina aqui, mesmo se alinhando à BNCC, vem com a cara do professor, e é isso que dá o diferencial do projeto aqui na escola. E quando ainda existia a oportunidade de o professor ter 10 horas de estudo remuneradas dentro da escola, isso nos possibilitava dialogar com outros professores. Então, ser interdisciplinar aqui na escola era mais fácil. Eu não sou formada em filosofia, mas o pouco que eu entendo de filosofia me dá condições de conversar com a professora de filosofia e poder aprender mais sobre filosofia, para poder buscar os pontos de interseção entre as duas áreas e inserir a filosofia nas discussões da Educação Física, porque a Educação Física não se explica sozinha, ela precisa das outras ciências como suporte. Ou seja, se a Educação Física trabalha a cultura corporal de movimento, ela precisa das outras ciências para explicar essa própria cultura. Então, eu resumiria essa diferenciação do projeto atrelada aos professores. São professores que têm a característica de serem diferentes na própria prática, sempre buscando inovação, com práticas criativas, com dinâmicas diferenciadas, e acho que, inclusive, um contamina o outro com essas práticas; e isso dá o tom do currículo diferenciado, juntamente às práticas diferenciadas que os alunos têm aqui na escola.

- E, especificamente, da Educação Física, você dialogou com quais referências teóricas? Você faria algum destaque de temáticas/conteúdos/projetos de ensino?

- Na minha formação, eu tive pouca orientação sobre os autores da Educação Física. Hoje, eu tenho dificuldade de ir atrás [da produção] dos autores da área da Educação Física, pois não tive uma base para me direcionar. Mas, estudando por conta própria, busquei muita coisa da psicanálise, da sociologia e da filosofia para trabalhar a Educação Física aqui na escola; por, justamente, ser um projeto diferente, no sentido de fugir um pouco dos esportes e estarmos sempre em busca de criar uma atividade diferenciada. Ainda, acho que o que deu um norte para se trabalhar a Educação Física aqui foi o corpo e sua relação com a sociedade,

entendendo o corpo de uma maneira ampliada, integral. Mesmo quando buscamos o viés da saúde na Educação Física, buscamos o conceito mais amplo de saúde, que seria o bem-estar físico, social e mental, não pensando somente na ausência de doenças. Então, o que mantém a minha linha de estudo é um pouco isso: é entender esse corpo e a produção desse corpo na sociedade. Então, por isso precisei estudar mais sobre psicologia e ir mais para a área da psicanálise, para que eu pudesse entender os significados que esse corpo tinha e trazer esse corpo para dentro das aulas de Educação Física.

- E há quanto tempo esse projeto vem sendo desenvolvido? Houve necessidade de adaptação, mudanças?

- Desde 2010, mas todo ano ele é adaptado para a turma que chega. Nós nunca repetimos nenhum projeto, eles sempre foram pensados e articulados com o grupo de alunos que chega naquele ano. Então, um trabalho que foi feito em 2010, com aquele grupo de alunos, não é desenvolvido hoje, pois o projeto foi para aquele grupo em específico. Então, tem-se a percepção sensível do grupo que a gente recebe. Eu tive práticas no passado que não se encaixam hoje com o grupo que eu tenho. Então, a gente tem esse olhar diferenciado para o grupo que a gente recebe. É um trabalho de percepção contínuo. Agora, depois de passados 8 anos, tenho me sentido um pouco limitada, no sentido de não repetir o que já foi feito, tendo que sempre criar coisas novas. Eu tenho tido, agora, mais dificuldade de saber de onde eu vou tirar mais práticas corporais para esse espaço, na lógica de “não vamos repetir, vamos trazer algo próprio para esse grupo”. Então, eu já estou tentando mesclar um pouco as práticas que já foram feitas e ver o que eu posso fazer para adaptar para o grupo atual. Chega uma hora que não tem mais como criar. Há uma crítica grande em cima dos livros didáticos, mas, para mim, aqui, ele seria importante, no sentido de que eu já teria um conteúdo próprio para discutir com os alunos. Então, se eu quiser trabalhar um texto com os meus alunos, ou eu escrevo esse texto, ou eu vou ter que procurar esse texto. Esses textos normalmente não existem na área da Educação Física a ser trabalhada no ensino médio. Se a gente tivesse pelo menos um livro aonde viessem pra nós os conceitos e conteúdos da Educação Física, para que não tivéssemos que correr atrás para pesquisar toda vez, com o adicional de que professores, no geral, não têm nem esse tempo, já facilitaria bastante nosso trabalho. Ainda, se eu quero trabalhar uma aula teórica com meus alunos, eu passo uma dificuldade imensa para preparar essa aula. O que a gente

encontra nos artigos científicos não é uma linguagem apropriada para alunos do ensino médio, é uma linguagem apropriada para o meio acadêmico. Então, esses textos não estão dialogando com alunos do ensino médio. Estou vivendo esse tipo de dificuldade, o de ampliar as discussões na área da Educação Física com os alunos do ensino médio sem ter esse suporte teórico para trabalhar de uma maneira mais sistemática.

- No início do ano letivo, a escola cobra que você entregue um planejamento anual?

- Sim. Eles exigem esse planejamento anual. Eu dialogo com a direção, pois não sou a favor do planejamento anual, por conta da especificidade da Educação Física, das dificuldades que vivemos, com corpos diferentes constantemente, e que há esse lado afetivo e emocional do aluno relacionado para que as aulas aconteçam. Eu prefiro fazer o meu planejamento por bimestre e ir me situando ao longo do ano com os alunos para ver o que é possível ser ensinado, até mesmo para não perder possibilidades, caso aconteça alguma coisa na esfera social que caiba à Educação Física trabalhar dentro da escola. Se eu fecho um planejamento no início do ano, eu perco a possibilidade de flexibilização entre os conteúdos. Então, a escola exige que seja anual, mas eu não faço anual, só consigo fazer por bimestre.

- Até mesmo por conta da sensibilidade contínua, que você citou, né?

- Exatamente, a sensibilidade com o grupo que você está recebendo ali, e como se está recebendo aquele grupo. O aluno é uma coisa no primeiro bimestre, nos últimos ele é outro, então não dá pra eu fazer isso tudo no início do ano. Como a gente também não tem um suporte a ser seguido, a construção pedagógica é feita no meio do processo. Acho assim mais fácil também.

- Vamos supor que você entregue um planejamento anual. A escola lhe permitiria flexibilizá-lo no meio do ano letivo, ou não?

- Se eu não seguir o que eu fiz no planejamento, ela me questionaria. Então, você fica um pouco amarrado, por isso prefiro não fazer e responder por não ter feito, mas porque eu acredito que a maneira mais fácil de trabalhar a Educação Física seja bimestralmente, esperando até que os processos aconteçam pra que a gente possa trabalhar dentro desses processos, à determinar os conteúdos que os alunos vão ver. Até porque, é difícil a gente selecionar conteúdos aqui, uma vez que a gente não tem um espaço reservado para Educação Física além da sala de Educação Física. A gente tem essa sala, mas também é um espaço limitado, não cabe todas as práticas

lá dentro. Então, fica difícil de determinar os conteúdos. É uma questão mesmo da criatividade, e essa criatividade vai surgindo no cotidiano. Então, é esse olhar flexível e sensível o tempo inteiro, e não é uma proposta fácil de ser executada. Chega uma hora que a gente fica preocupado sobre o que fazer para o próximo bimestre. Tenho que sentar, estudar, ver possibilidades, ver o que é interessante para os meninos.

- Partindo para a última pergunta, eu gostaria que você fizesse uma avaliação sobre os impactos da nova lei do Ensino Médio na proposta do projeto, e também na Educação Física Escolar.

- Para a Educação Física foi péssimo. Já relegou a disciplina como se ela não contribuísse em nada na formação dos alunos, isso ficou muito claro. Excluíram um pouco da escola. Na minha visão, essa nova proposta de ensino médio procura atender o mercado, procura fazer o corpo do aluno na escola voltar a ser o corpo do trabalhador. A Educação Física não se encaixa mais nesse perfil, porque como a nossa lógica de Educação Física não é mais produzir o trabalhador, como já foi no passado, e sim a de produzir o cidadão, então ela não se encaixa mais, não precisa existir; assim como não precisa existir mais a sociologia, a filosofia e outros, porque a ideia de corpo é a ideia do corpo não-pensante, é a ideia do corpo-máquina. O aluno vai se formar aqui dentro de uma área técnica e vai executar essa área técnica em que se formou. Então, acho que enxugou e empobreceu muito o currículo dos alunos, tirou deles a oportunidade de terem acesso aos conhecimentos para que ele próprio possa fazer as escolhas do que ele quer pra si. E para nós da Educação Física, simplesmente nos excluíram. Tiraram a gente como uma parte significativa da formação do aluno, como se o que a gente fizesse não tivesse a menor importância. Voltando o foco para as outras disciplinas também, a única coisa que importa na BNCC, juntamente à essa proposta do novo ensino médio, é português e matemática. É o que se entende que temos que saber, minimamente, para arrumar um emprego.

- E na sua proposta de ensino-aprendizagem aqui na escola, no currículo que você planeja, na sua carga horária, a proposta do novo ensino médio também, te limitou, te tolheu?

- Nunca fui tolhida aqui na escola. Eu sempre tive liberdade para construir a Educação Física que eu achasse importante para essa escola. Sempre tive o apoio

da direção, dos colegas das outras disciplinas. Nunca encontrei empecilho nenhum para desenvolver a Educação Física aqui na escola.